

Contendo o Livro

0 - WICKED EARLS CLUB - MAGGIE DALLEN



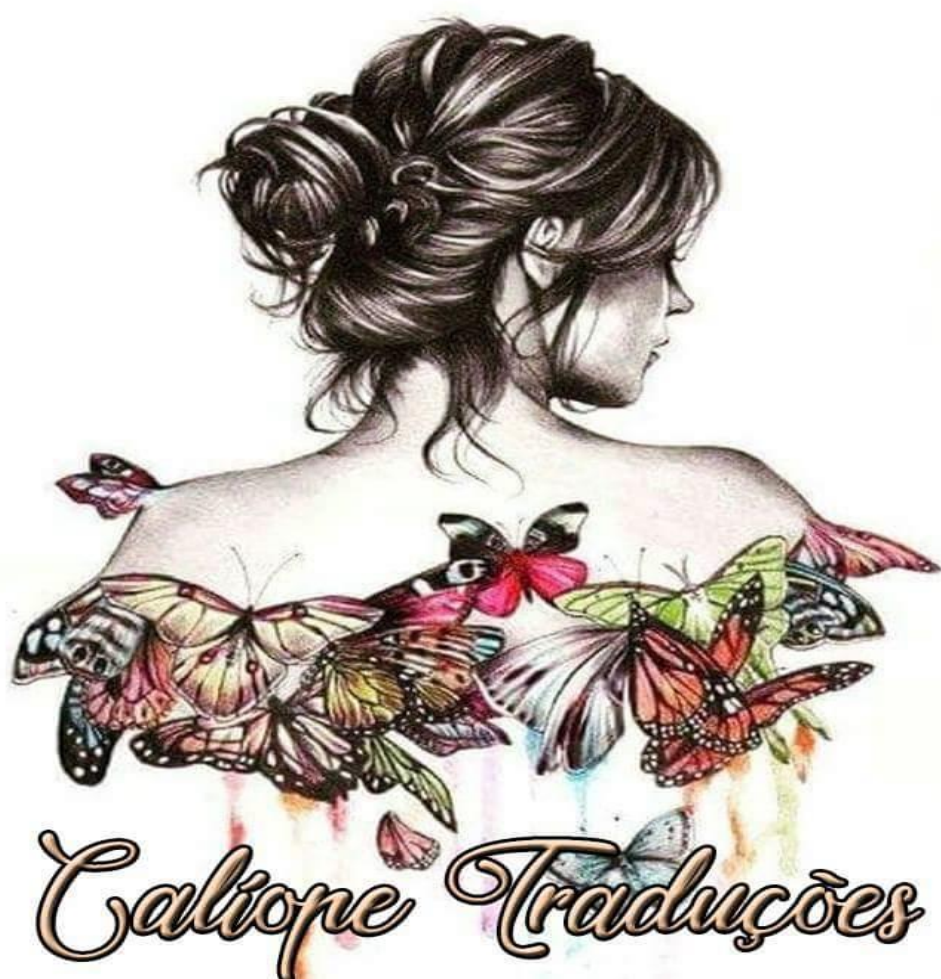
WICKED EARLS CLUB

EARL OF SUSSEX

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

TAMMY ANDRESEN







Série Wicked Earls Club

- 00 - Wicked Earls Club por Maggie Dallen*
- 01 - Conde de Sussex por Tammy Andresen*
- 02 - Conde de Westcliff por Meara Platt*
- 03 - Conde de Wainthorpe por Collette Cameron*
- 04 - Conde de Sunderland por Aubrey Wynne*
- 05 - Conde de Basingstoke por Aileen Fish*
- 06 - Conde de Weston por Anna St. Claire*
- 07 - Conde de Davenport por Maggie Dallen*
- 08 - Conde de Grayson por Amanda Mariel*
- 09 - Conde de Benton por Madeline Martin*
- 10 - Conde de Pembroke por Lauren Smith*
- 11 - Conde de Sevilha por Christina McKnight*
- 12 - Conde de Harrington por Dawn Brower*

Opinião

Não se assustem!

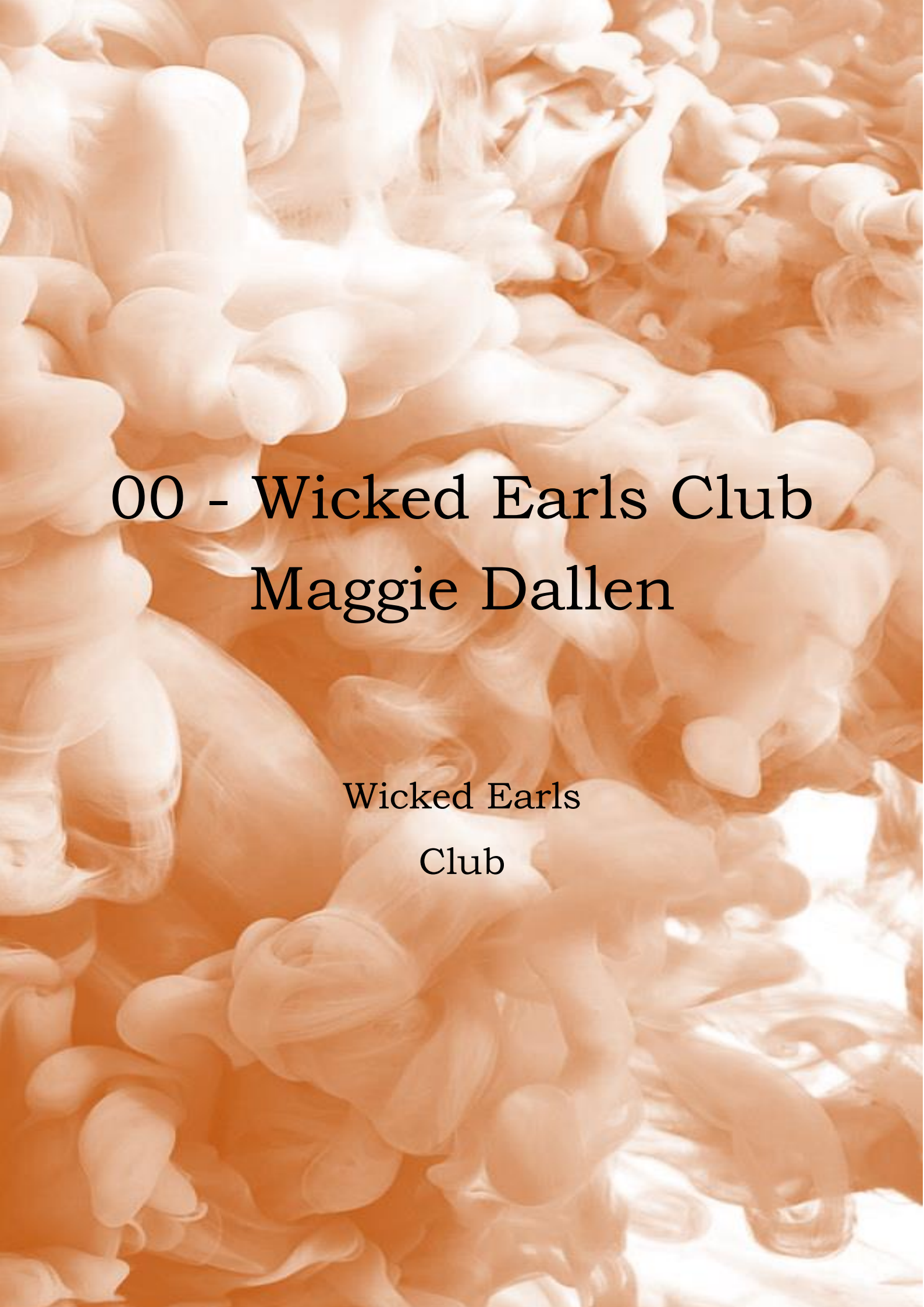
É apenas um conto introdutório dos 12 livros dos Condes perversos. Logicamente não serão livros longos e cansativos.

Nesta introdução vemos que na verdade esses Condes possuem muitos segredos, magoas e feridas internas. Mas não deixam de terem seu lado perversos.

Vamos conhecê-los um a um e descobrir seus sonhos, segredos e perversidades.

Embarquemos nesta viagem de sonhos!

Palas Athenas

The background of the entire page is an abstract, monochromatic orange. It features intricate, swirling patterns that resemble smoke or liquid in motion, creating a sense of depth and texture. The colors range from a light, almost white orange to a deep, dark orange, with the darker tones concentrated towards the edges and the lighter tones in the center.

00 - Wicked Earls Club Maggie Dallen

Wicked Earls
Club

O conde de Coventry tem um segredo...

Alguns dias este segredo provou ser um fardo, mas esta noite... bem, esta noite ele se divertiria até o fim. A próxima etapa de seu plano iria começar assim que ele completasse sua correspondência. Sentado atrás de sua enorme mesa de mogno, ele assinou seu nome com um floreio enquanto as vozes de vários homens e algumas mulheres passavam pelos corredores de Wicked Earls Club. Ele não conseguia distinguir nenhuma palavra individual, apenas o tom, mas a conversa parecia agradável, o humor leve, e seus condes contentes.

Muitos deles já haviam deixado o clube esta noite para participarem das reuniões sociais, mas este clube era para as atividades que se mantinham fora do olho do público e muitos ainda estavam presentes. Ele apostaria sua fortuna que sabia quem ainda estava aqui, demorando-se com seus uísques e se preparando para uma última rodada de cartas antes de saírem para cumprirem suas obrigações sociais. Era sempre os mesmos que permaneciam aqui até o último momento possível. E o pior dos piores, o mais perverso de todos eles.

Como se convocado por seus pensamentos, o conde de Davenport apareceu na entrada de seu escritório. Coventry riu baixinho ao vê-lo.

— Falando no diabo.

O outro homem encarou a brincadeira. O diabo de Davenport. Era assim que a sociedade se referia a ele pelas costas e o jovem conde parecia sair do seu caminho habitual para viver de acordo com o nome.

— Você pediu que eu informasse quando o relógio batesse nove, — disse Davenport.

Coventry sorriu. Ah sim, ele quase se esqueceu. Claro, Coventry tinha um relógio de bolso. Mas por razões que eram suas, ele queria Davenport fechado esta noite. Davenport, como todo o restante dos condes que assombravam os corredores do clube, não estava acostumado a fazer favores ou seguir ordens. Mas quando Coventry pedia algo a um deles, eles certamente concordariam e fariam.

Por quê? Porque ele era o homem que lhes deu a salvação. Com este clube, ele ofereceu a estes gentis nefastos, refúgio. Um lugar onde eles poderiam se deleitar em liberdade e operar além das restrições da sociedade.

Ou assim eles pensavam, seus simples meninos tolos.

Coventry não havia fundado este clube — não, essa sociedade de elite existia muito antes dele nascer. Originalmente formada como uma guilda¹ de condes, pretendia-se que fosse um lugar onde os mais proeminentes e poderosos do país pudessem se encontrar em segredo, fazerem acordos e se agradarem sem enfrentar o julgamento do público. Mas de alguma forma ao longo dos anos, o clube se tornou corrupto. Os condes que enfeitavam seus corredores não mais vinham a negócios, mas apenas por prazer.

Não, Coventry não fundou o clube, ele simplesmente mudou seu título. Ele renomeou para o que tinha se tornado e não o que deveria

¹ Guilda - Durante a Idade Média, em certos países europeus, criaram associação que agregava pessoas que possuíam interesses comuns (comerciantes, artistas, artesãos etc.) com o propósito de oferecer assistência e segurança aos seus membros.

ter sido. Uma sociedade para os ímpios. Um refúgio para ladinos e canalhas com poderes descontrolados e muito pouco amor.

Os condes de seu clube não eram maus, mas precisavam de orientação. Uma mão amiga, uma cutucada de alguém que visse seu verdadeiro potencial.

Alguém como ele.

Coventry lhes dera seus apelidos, assim como ele assumira a guilda extinta e a transformara em fraternidade. Afinal, se houvesse honra entre os ladrões, certamente poderia haver lealdade entre os condes. Mas criando um refúgio seguro, um lugar onde esses homens poderosos pudessem encontrar o apoio e o consolo que tantas vezes não tinham e isso era apenas o começo. Coventry tinha mais em mente para esses lordes, e isso... esse era o seu maior segredo e seu mais importante empreendimento.

Seus condes fugiriam como ratos de um incêndio se soubessem o que ele tinha reservado para eles. Ele quase riu em voz alta com o pensamento, mas escondeu seu entusiasmo quando se levantou da mesa.

— Obrigado, Davenport. — De pé atrás da mesa, ele vestiu o fraque. — Eu contratei uma linda garota nova, senhorita Hart. — Coventry pegou sua bengala que escondia uma espada logo depois do cabo. — Tenho certeza que ela poderia querer dar uma olhada na propriedade.

Davenport deu-lhe um sorriso frio que teria feito outro homem se encolher de medo, mas não a Coventry. Com uma saudação final, Davenport se virou e saiu do quarto. Os olhos de Coventry o seguiram pelo corredor. Seu conde errante permaneceria aqui esta noite, exatamente como ele desejava. Por essa noite, pelo menos, seu jovem amigo rebelde ficaria longe de problemas. Logo, ele encontraria a

mulher certa para domar em Davenport o seu lado obscuro, mas até então ele se contentaria em manter a fera em sua jaula.

Inclinando-se sobre a escrivaninha, Coventry deu uma última olhada nas cartas que estava redigindo. A primeira era para o marquês de Rangely, o pai do conde de Sussex. A segunda era para o duque de Waverly, pai de lady Tabitha Riley. No conteúdo dessas cartas mantinha seu verdadeiro objetivo para os iníquos condes... Redenção.

Esta palavra faria seus condes recuarem. Pois esses homens eram poderosos além da crença, e esse tipo de direito distorcia seus caracteres. Cada conde em seu clube tinha um senso irresistível de dever, mas nenhuma clareza de propósito, uma abundância de terras, mas nenhum lar verdadeiro, muito dinheiro, mas nenhuma família amorosa com quem compartilhá-lo.

Coventry planejou mudar tudo isso. Trancando seu escritório, ele desceu pelo corredor escuro, passando pela grande sala de estar onde os condes se reuniam. Vários deles sentavam-se em pequenos grupos, bebendo a bebida de sua escolha, conversando entre si.

As senhoras que serviam no clube se juntaram às conversas, adicionando inteligência e charme à atmosfera. Apenas um homem estava sentado sozinho, Luke Bentley, o conde de Sussex, observando a cena exatamente como Coventry.

Ele não parecia bem esta noite. Normalmente ele era o primeiro a festejar com bebidas ou mulheres, provavelmente ambos. Ele parecia estar de fora do seu caráter normal, Coventry permitiu-se um pequeno sorriso. Era um bom sinal, de fato.

Coventry deu um aceno ao outro homem que se levantou para se juntar a ele.

— Boa noite nosso líder destemido. — Sussex deu-lhe um sorriso radiante quando atravessou a sala. Não era de admirar que as senhoras o achassem tão atraente.

— Boa noite. — Coventry devolveu a saudação. — Não é habitual você ficar sozinho em uma noite como esta.

Sussex fez uma careta, uma sombra passando por seu rosto.

— Ê, mas eu estou sozinho, no entanto.

Coventry levantou as sobrancelhas, imaginando se seu amigo poderia finalmente estar pronto para se assentar. Era uma pergunta que não seria respondida agora, no entanto. Eles tinham outros negócios para ver.

— Eu tenho um evento que devo participar. Você gostaria de se juntar a mim?

Sussex lançou-lhe um olhar interrogativo, mas acenou com uma afirmação e ficou ao lado dele.

— Devo admitir que minha curiosidade foi despertada.

Coventry levantou uma sobrancelha.

— Ê uma festa mundana, como todas as outras desse tipo. Dificilmente vale a pena mencionar. — Ele nunca fora alguém para dar muitos detalhes. Ele coloria as opiniões dos outros. Melhor para eles experimentarem desta forma. Além disso, era na casa de lorde e lady Ashford. Se Sussex tinha uma fraqueza, era para com mulheres bonitas que estavam infelizes. — Mas um irmão nosso pode estar precisando de nossa ajuda.

— Bem, isso certamente não levanta mais perguntas do que você respondeu, — Sussex respondeu secamente, mas ele continuou a andar pelo corredor em direção à porta.

Uma risada escapou dos lábios de Coventry. Mal sabia Sussex, mas a dama que Coventry escolhera para casar com o conde errante

também era perspicaz. Ele pensou novamente nas cartas que havia deixado em sua mesa. Era decididamente a hora de mandá-las.

Subindo na carruagem, os dois homens viajaram em silêncio enquanto atravessavam para uma parte mais respeitável de Londres e se juntavam a uma fila de carruagens esperando para levar a elite mais alta da sociedade à casa do Visconde de Ashford.

A festa estava em pleno andamento quando ele e Sussex entraram no foyer. Coventry franziu a testa. Talvez ele devesse ter vindo antes. Além de cuidar de um dos perversos condes, ele tinha uma reunião de uma variedade ilícita, e o sexo mais justo não gostava de ficar esperando.

Gesticulando para o lado, ele e Luke contornaram a multidão.

— Eu não gosto desses eventos, — Sussex murmurou.

Coventry estava inclinado a concordar. A sala estava desconfortavelmente quente de uma maneira que Coventry mal podia tolerar. Movendo-se para o lado, ele quase esbarrou no caminho da Duquesa de Waverly e ao lado dela, sua filha, Lady Tabitha Bentley.

Seus olhos passaram sobre a garota. Os homens eram tolos para não verem como ela era atraente. Linda, bem dotada e inteligente, ela seria uma ótima esposa. Era a oportunidade perfeita para Sussex ver o mesmo.

Reconhecido por sua mãe, ele cumprimentou e se virou para Sussex.

— Lorde Sussex, quero lhe apresentar Lady Tabitha Bentley.

— Encantado, — respondeu Sussex com indiferença, seu tom não implicando em nada do interesse que Coventry teria esperado.

Coventry piscou. Como poderia o homem não ver a beleza na frente dele? Mas quando seus olhos seguiram o olhar de Sussex,

Coventry percebeu que o homem não estava olhado para Tabitha. Em vez disso, ele foi enlaçado pelo olhar coquete de Lady Ashford.

Lady Tabitha limpou a garganta.

— Nós já fomos apresentados anteriormente. — Coventry observou enquanto ela sacudia sua mão, batendo no quadril com aborrecimento. — Foi uma apresentação notavelmente semelhante.

Coventry encontrou seus claros olhos azuis. Parecia que eles também haviam tomado nota do olhar de Lady Ashford sobre Sussex.

Coventry baixou a voz.

— Lady Ashford estava lá, era isso?

Sussex não parecia nada sábio, sua atenção focada no outro lado da sala na outra mulher.

Lady Tabitha suspirou.

— Não, outra dama inteiramente diferente. A mesma experiência, no entanto. Boa noite, lorde Coventry. — Então ele viu quando ela desapareceu na multidão.

Com um suspiro notável, Coventry puxou o braço de Sussex.

— Estamos aqui para um propósito, se você se lembrar. — Suas palavras eram mais afiadas do que o pretendido. Sussex acabara de arruinar o que poderia ter sido o acontecimento mais importante de sua vida. Tolo.

Mas esta noite não era sobre Sussex, não realmente. Se Luke abrisse os olhos e visse o que estava bem à sua frente sem mais interferência, ele teria sorte de fato. Mas Coventry não esperava que isso fosse fácil. Seus perversos condes não eram nada além de teimosos.

Ele soltou o braço de Sussex. Se o amigo dele quisesse se fazer de bobo com Lady Ashford, tudo bem. Ele tinha outras prioridades esta noite. Liderando o caminho através da multidão, Coventry encontrou o

homem que ele estava procurando. Lorde Harrington estava exatamente onde Coventry esperava encontrá-lo: nas mesas de jogos.

O jovem conde tinha acabado de receber sua herança e estava decidido a jogar tudo o que não era vinculado ao título. O mais provável era que ele tivesse rancor de seu avô, o Duque de Southington.

Enquanto ele entendia os motivos, Coventry simplesmente não podia permitir que isso acontecesse. Harrington tinha potencial, uma capacidade de liderar e uma vantagem forte o suficiente para torná-lo um líder, se ele escolhesse abraçar essas qualidades.

— Coventry, — Harrington indagou. — O que você está fazendo aqui?

Coventry fez uma rápida varredura da mesa. Apesar de sua bebedeira, Harrington parecia estar ganhando. O que era curioso eram os convidados que se juntaram a ele para o jogo. Dois deles não pertenciam à nobreza. Eles eram homens de aparência rude, mais adequados a um inferno de jogatinas do que a uma festa de nobres. Além disso, pareciam magoados com a ideia de perderem, e ainda mais com a perspectiva de perderem para um bêbado.

Coventry voltou-se para Harrington.

— Minha esposa insistiu que eu viesse. Eu deveria encontrá-la, fazer uma aparição, mas Sussex se sentará à esta mesa.

Ele ouviu Sussex resmungar atrás dele.

— Eu devo estar amarrado a um conde infantil?

Coventry se virou para encarar os outros homens.

— Enviei um colega do clube para ajudá-lo em mais de uma ocasião, Sussex. Seja um bom homem e cuide para que ele fique longe de problemas. — Coventry voltaria em breve. Sussex, era um excelente jogador, fora a escolha perfeita para ficar de olho em Harrington.

A verdade era que sua esposa não estava presente. Ela estava em casa com a filha, como gostava. Na maioria das noites ele estava com elas, preferindo sua companhia sobre quaisquer outros. Mas esta noite, seus condes precisavam dele. Harrington, em particular.

Depois de atravessar a festa, encontrou a entrada das escadas dos criados e desceu, seguindo para a cozinha. Foi caminhando lentamente, principalmente porque ele não queria ser visto por nenhum dos servos. Começaria um sem fim de fofocas se ele fosse encontrado. Mas quando ele mergulhou em uma alcova, uma pequena mão tocou-lhe levemente as costas. Ele se virou para encontrar a criada de Lady Ashford logo atrás dele.

— Meu lorde, — ela sussurrou.

— Senhorita Pennywinkle, — respondeu ele. — Como foi a visita à propriedade do Duque de Southington?

— Muito benéfica, meu senhor. — Ela fez-lhe uma pequena cortesia.

— O que você descobriu? — Ele se aproximou para que pudesse ouvir cada palavra.

Ela, por sua vez, sussurrou uma série de detalhes que havia coletado enquanto visitava sua prima, uma serva em Southington. Muito interessante. A senhorita Pennywinkle tinha um talento especial para espionagem e, mais ainda, para coletar informações importantes.

— Muito bem, senhorita Pennywinkle, obrigado — murmurou ele, ansioso por voltar a Harrington.

— Há mais, — ela disse. — Três rufiões chegaram à propriedade há menos de uma semana. Parece que Lorde Southington os contratou para vigiarem seu neto, Lorde Harrington. Eles devem tentar envolvê-lo em jogo de cartas esta noite e então... — Ela parou, o rosto franzindo em preocupação.

— Por favor, continue, senhorita Pennywinkle. — Coventry não tinha tempo para sensibilidades delicadas de uma mulher hoje à noite. Uma sensação de mal-estar aumentava à medida que ele pensava no jogo em que acabara de ver Harrington e nos homens que estavam sentados à mesa com ele. Não havia dúvida de que aqueles eram os homens contratados pelo duque. Não era de admirar que eles tenham conseguido entrar.

— Eles devem encurralá-lo e assustá-lo de volta a propriedade de Southington por qualquer meio necessário, a ponto de tirar sua vida. — Ela cobriu a boca com a mão.

Coventry entregou-lhe um envelope, sua recompensa pelos serviços prestados e despediu-se. Voltar para a sala de jogos foi enfurecidamente lento, graças à multidão considerável, e ele teve tempo suficiente para refletir sobre as palavras da Srta. Pennywinkle. O duque contratara homens para provavelmente baterem em seu neto. Isso fez seu estômago revirar. Como poderia um homem ser tão cruel com sua própria família? Como o duque não entendia que era esse comportamento que provavelmente afastara seu neto em primeiro lugar?

— Bois sangrentos, — ele murmurou para si mesmo. Seus pensamentos e o ritmo com que ele se movia dificultavam a viagem.

Não conhecia Harrington há muito tempo, mas o jovem rapaz despertava seus instintos patriarcais de um modo que raramente experimentara, exceto pela própria filha.

Finalmente, ele entrou no caminho de volta para a sala de jogos apenas para descobrir que Harrington e Sussex tinham ido embora, assim como os rufiões que estavam na mesa.

— Inferno destruidor, — ele amaldiçoou, sem ouvir o barulho da festa. Ele voltou pelo caminho que tinha vindo. Enquanto contornava

o salão de baile, avistou Sunderland e Pembroke, membros do clube, parados perto da esquina. Pegando os olhos deles, ele acenou para eles virem.

Ambos os homens vieram sem hesitação.

— Eu perdi Sussex e Harrington, — ele latiu.

— Eu os vi há cinco minutos saindo para o jardim — respondeu Pembroke. — Eles estavam com vários outros homens.

— Sigam-me. — Ele deu um tapinha no peito, sentindo a sua pistola e a segurança que ela traria, enquanto abria caminho pelas portas do pátio. Uma busca rápida no jardim não revelou nada, mas o portão que levava ao beco estava entreaberto.

Foi quando ele ouviu. O som distinto da carne batendo na carne.

— Caramba, — Sunderland rosnou.

— Eu gostaria de ter trazido minha rainha Anne — murmurou Pembroke.

Sunderland enfiou a mão no casaco e entregou uma pistola a Pembroke.

— Eu trouxe uma sobressalente.

— Obrigado, velho amigo. Tenho certeza que devolverei o favor. — Pembroke testou o peso da arma em sua mão.

Sunderland retirou uma segunda arma, correndo à frente do grupo.

Coventry sorriu. Ele sempre podia contar com seus condes. Os barulhos aumentaram, grunhidos e gemidos penetraram no escuro e Coventry alcançou o braço de Sunderland. Era tentador atacar, mas entrar com cautela agora poderia salvar vidas.

Um grupo de sete ou oito homens estavam de pé na frente deles. Sussex estava à margem, lutando contra três dos homens e fazendo um ótimo trabalho. Mas, notavelmente, ele era regular no clube de

boxe. Não é de admirar que o homem estivesse em uma forma tão fantástica.

Não havia sinal de Harrington até que uma bota se projetou do meio do grupo. Atingindo um chute forte em um dos homens, derrubando-o do círculo. Coventry sentiu um momento de orgulho. Harrington estava se segurando contra cinco oponentes. Outro homem ergueu o punho no ar e Coventry ouviu o murro enquanto Harrington soltava um gemido.

Era um risco, cada um desses homens poderia estar armado e então seu grupo de condes seria superado, mas isso tinha que parar. Então ele gritou:

— Chega! — Numa voz que soou com autoridade quando ele, Pembroke e Sunderland continuaram a se mover na direção deles.

Todos os três Condes levantaram suas pistolas. Sussex viu sua abertura e, com mais um soco, correu na direção deles.

Coventry puxou a espada de sua bengala.

— Tome, — ele ordenou.

Sussex obedeceu sem questionar e a bengala se dividiu em duas, revelando uma longa espada. Virando-se, ele enfrentou o grupo de homens com quem acabara de lutar. Os quatro agora estavam em fila a apenas alguns metros do aglomerado de homens.

Coventry olhou para vários deles.

— Devolvam nosso amigo imediatamente.

Um dos rufiões deu um passo em direção a ele, cuspido no chão.

— Nós temos negócios inacabados com este.

— Ele permanecerá como tal. — Coventry ergueu o cano de sua pistola, mirando-o. — Eu não vou mandar de novo.

— Um ainda maior do que você quer esse garoto. Você não pode “tê-lo”. — O homem cuspiu novamente, enfiando os polegares na cintura das calças e estufando o peito.

Eles estavam em desvantagem de dois para um, mas nenhum desses homens havia puxado uma pistola. Enquanto Coventry não gostava de tirar a vida de um homem, ele o faria se fosse necessário.

Mas ele foi poupado da escolha. Sussex deu um passo à frente e sacudiu o pulso. A espada voou, cortando o rosto do homem.

— Da próxima vez que meu amigo falar, — Sussex rosnou. — Ele falará com sua pistola.

O grupo de homens se separou lentamente e Harrington caiu. Seu rosto estava uma bagunça, inchado quase além do reconhecimento.

Uma vez que ele limpou o grupo, Sunderland e Pembroke agarraram seus braços e o puxaram para ficar de pé e longe do corpo a corpo. Coventry e Sussex recuaram mais devagar.

Um idiota veio para pegar Sussex que, com um golpe longo, abriu um corte no braço do homem.

Outro fez uma corrida selvagem para Coventry, que apontou a pistola e atirou na perna do homem. Caindo no chão, ele gritou quando vários outros se afastaram.

— Dê nossos cumprimentos a Sua Graça, — Coventry zombou. — Diga a ele que ele terá que encontrar outro caminho.

Arrastando Harrington, os outros condes saíram do beco e entraram na rua.

— Pegue minha carruagem — gritou Coventry para Sussex, que se moveu imediatamente para fazê-lo.

Em minutos, a carruagem estava abarrotada de homens fazendo a viagem de volta ao clube.

Uma vez lá dentro, Coventry mandou chamar o médico e Pembroke foi até a cozinha buscar uma fatia de carne para colocar no rosto de Harrington, enquanto uma criada chegava com uma tigela de água e um pano para lavar alguns dos ferimentos de Harrington.

— Que diabos foi isso? — Sussex falou pela primeira vez em quase meia hora.

— Eu ouvi você mencionar meu avô? — Harrington saiu do seu lugar no sofá.

Coventry suspirou. Não havia nada a ser feito agora, ele teria que contar a eles.

— Sim, seu avô estava por trás disso. Eu tenho a impressão de que ele queria assustá-lo para longe de jogatinas e voltar para o seu rebanho.

— Longe da jogatina? — Sussex arqueou uma sobrancelha. — Você estava ganhando.

— Esta noite eu estava ganhando. Não tive a mesma sorte ultimamente. — Harrington pareceu fazer uma careta, embora fosse difícil dizer com o rosto parecendo uma massa machucada.

— Se você não for cuidadoso, você acabará com sua herança

— Por que eu deveria me importar? — Harrington se levantou do sofá antes de voltar a se encolher. — O cabeça de besouro ameaçou me cortar, mas eu o congratulo. Não quero o título nem o dinheiro dele.

Coventry sorriu para Sussex antes de se dirigir ao moço.

— Você pode gastar toda a herança que não está envolvida no título, mas você terá que se sustentar com alguma coisa. Quando estiver pronto, mostrarei a você como investir para poder viver de maneira independente. Ou Sussex poderá. Ele está prestes a me superar em riqueza.

Harrington deu aos dois homens um longo olhar com o olho que não estava atualmente envolto em bife.

— Você me ajudaria? Por quê?

— Somos uma irmandade. — Sussex pousou a mão no ombro do homem, batendo levemente. — E é pela mesma razão que nós arrastamos você para fora daquele beco.

— Obrigado por isso, — Harrington respondeu e fechou os olhos mudando o bife para o outro lado.

Coventry limpou a garganta.

— Só tenha mais cuidado, no entanto, se você prosseguir jogando. Continuar sentado em um jogo com esses homens foi insensato.

Harrington acenou quando o médico entrou na sala. Coventry fez sinal para Luke sair com ele.

Caminhando pelo corredor escuro, ele destrancou seu escritório e entrou. Sussex o seguiu, e Coventry discretamente colocou as cartas que estava escrevendo no fundo de uma pilha.

— Sente-se.

Passando em volta da mesa, ele se sentou também, encarando o homem que ele tinha chamado em seu escritório.

— O que quer que esteja acontecendo entre você e Lady Ashford termina hoje à noite.

— Como você sab...

— Não importa. Termine. — Coventry sentou-se mais ereto.

Sussex fez o mesmo, levantando as costas da cadeira.

— Não é da sua conta.

— Será de toda a nossa preocupação quando Lorde Ashford descobrir. O homem é extremamente ciumento com sua esposa. Além disso, você pode ter arruinado seu futuro hoje à noite. Isso será

consertado por você mais tarde, mas se quiser ter alguma chance, deve acabar com essa farsa com Lady Ashford imediatamente.

Sussex ficou de pé.

— Eu não preciso de seus conselhos em meus assuntos particulares.

— Claramente você precisa. Sua falta de discrição é susceptível de matá-lo e você não tem herdeiro.

Sussex curvou o lábio.

— Meu pai já está fazendo um trabalho admirável de me pressionar a casar. Não preciso que você se junte a ele.

Coventry respirou fundo. Era importante pisar com cuidado. Ele era o único membro do clube que se casou, e foi porque não participou de fato da escolha, ele apenas tomava seu tempo para supervisionar o funcionamento interno do clube.

— Você é como um filho para mim.

Sussex deu a ele o que só poderia ser descrito como um olhar flamejante. Então os ombros do homem relaxaram quando ele sacudiu a mão.

— Eu me cansei dela, de qualquer forma.

— Por que? — Coventry perguntou, sua curiosidade despertada. Ele achava que sabia o que poderia fazer Sussex feliz. Uma mulher com verdadeira inteligência e espírito, mas ele se perguntou se Sussex sentia o mesmo.

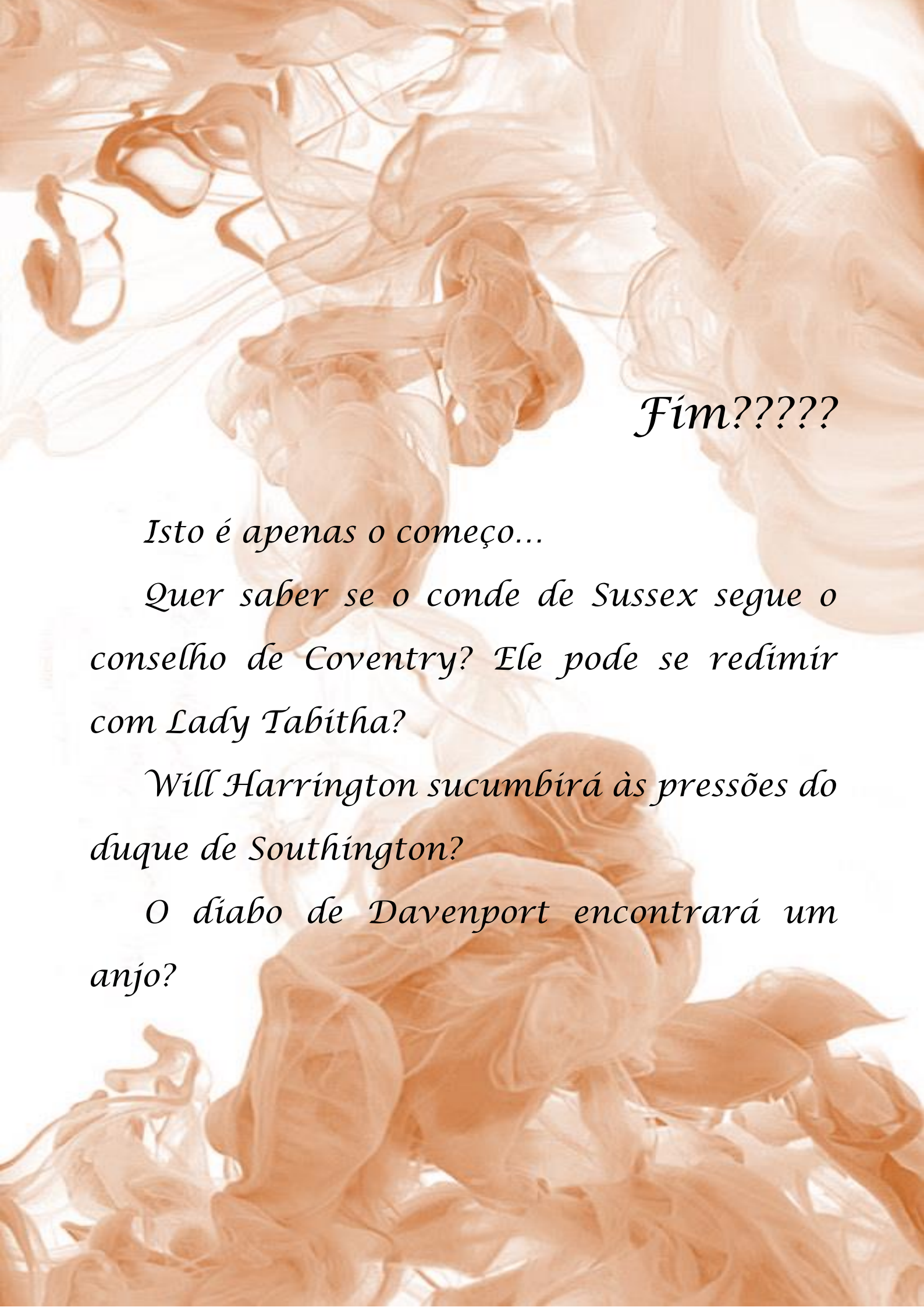
— Ela é muito bonita, mas... — Sussex parou de respirar. — Além disso, há pouca substância.

— Eu entendo perfeitamente. — Ele deu a seu amigo um sorriso gentil, o tipo que ele usualmente dava à sua esposa ou filha. — O que você precisa é de uma mulher de paixão e intelecto.

Sussex encolheu os ombros.

— O que eu preciso é de uma bebida.





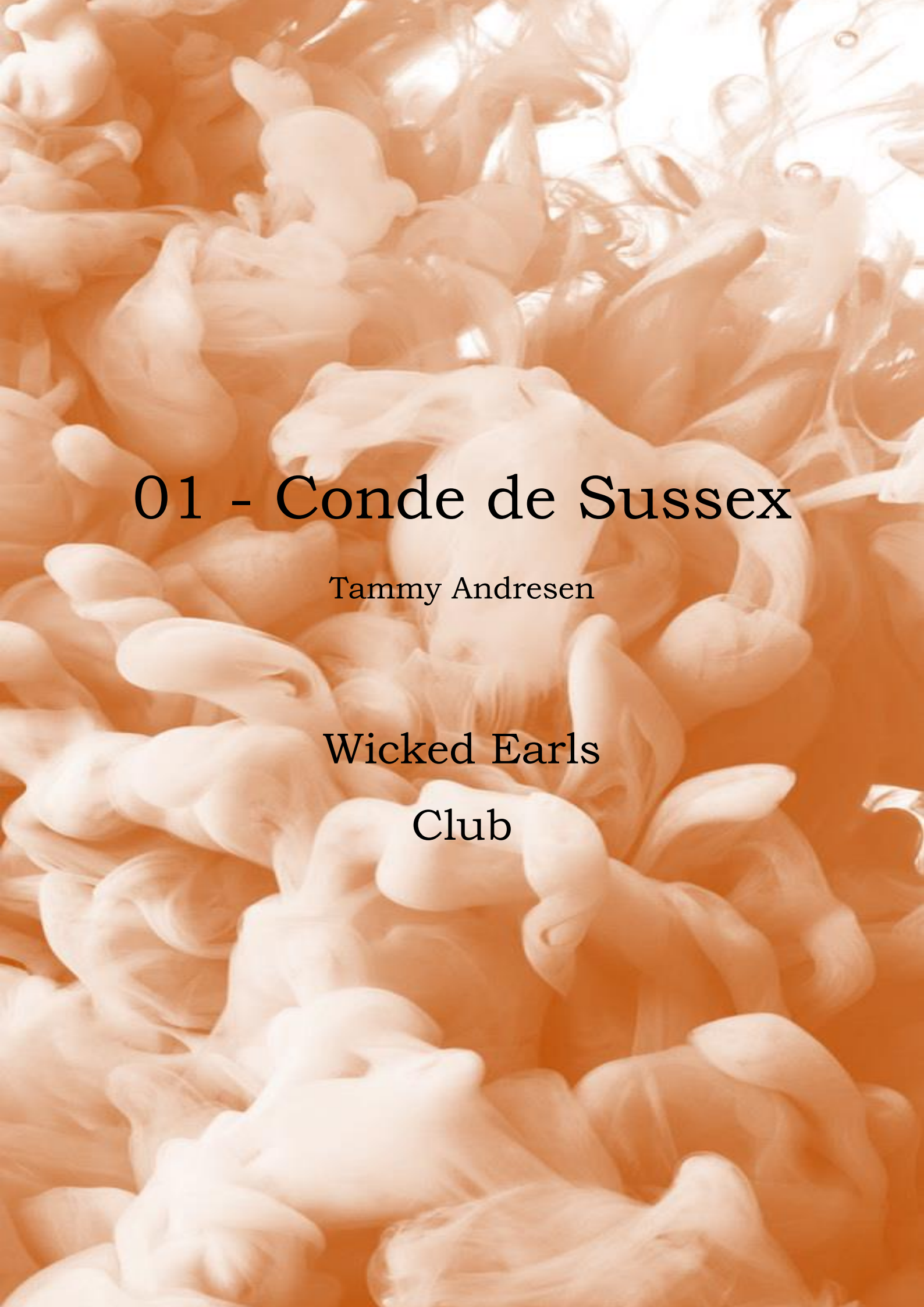
Fim?????

Isto é apenas o começo...

Quer saber se o conde de Sussex segue o conselho de Coventry? Ele pode se redimir com Lady Tabitha?

Will Harrington sucumbirá às pressões do duque de Southington?

O diabo de Davenport encontrará um anjo?



01 - Conde de Sussex

Tammy Andresen

Wicked Earls
Club

Sinopse

Perversamente pecaminoso, o conde de Sussex, é um libertino impenitente. E o Wicked Earls Club é o lugar perfeito para um homem de sua posição se entregar à vida dos prazeres. Isso é até que seus pais encontrem uma noiva para ele. Viajando para encontrar sua noiva, ele está convencido de que deve acabar com essa farsa. Até que ele encontra Lady Tabitha.

Uma wallflower² de fogo igualmente empenhada em terminar seu noivado.

Lady Tabitha, filha do duque, não será prometida a um libertino, não importa o que seu pai pense de suas conexões sociais. Enquanto ela não olhar nas profundezas de seus olhos verdes, ou se demorar nas linhas fortes da sua mandíbula, ela deve ser capaz de planejar seu caminho para fora desta farsa de compromisso.

Isto é, se o noivo pretendido apenas cooperasse com seus planos.

² Wallflower – uma espécie de flor selvagem conhecida como goivo, de variedades diversas de cores. É também uma força de expressão na Inglaterra, ao referir-se a uma jovem invisível aos olhos da sociedade. Uma pessoa que não tem ninguém com quem dançar ou que se sinta tímida, desajeitada ou excluída de uma festa.

PRÓLOGO

Luke Bentley, Conde de Sussex, caminhou até o prédio da frente de tijolos e parou para olhar para o exterior. Ele fazia isso quase todas as vezes que chegava. Era milagroso para ele que algo tão externamente simples pudesse conter tais prazeres por dentro. A única indicação do que este edifício guardava era o emblema estampado na porta, um único W incrustado em ouro. Essa mesma marca estava presa na lapela do seu colete.

Um lento sorriso perverso se espalhou por seus lábios. Ele adorava que este edifício pudesse parecer tão indefinido, mas por dentro cheio de pecado decadente. Tal fato era verdade para as mulheres também. Nunca se sabia que mulher floresceria em seus braços, revelando deleites secretos em que seu exterior perfeitamente preparado mal sugeria.

Era por isso que ele raramente recusava uma mulher. Bem, uma das razões, de qualquer maneira. Ele tinha outras motivações menos nobres para seu desfile interminável de amantes. Mas ele desviou o pensamento.

Diante dele estava seu lugar favorito em Londres, talvez de toda a Inglaterra... O Wicked Earls 'Club.³ Uma vez tinha sido The Earls Guild⁴ ou alguma coisa como janotismo, mas ao longo dos anos se transformou em um refúgio para homens como ele. Permitia aos

³ Wicked Earls 'Club – Clube dos Condes Perversos.

⁴ The Earls Guild – A Guilda dos Condes. Guilda - Durante a Idade Média, em certos países europeus, associação que agregava pessoas que possuíam interesses comuns (comerciantes, artistas, artesãos etc.) com o propósito de oferecer assistência e segurança aos seus membros

homens de meios e títulos relaxarem com uma bebida e algumas cartas, talvez uma mulher, sem os olhos curiosos da sociedade.

Os membros nunca falaram do clube ou da sua existência fora destes muros para manter o máximo de sigilo. Desta forma, eles poderiam continuar com suas deliciosas devassidões pelo tempo que quisessem. Luke planejou frequentar seus salões para sempre.

Havia algumas regras, não escritas, claro, mas compreendidas. Uma vez que um homem se casasse, por exemplo, seu convite para o clube era rescindido. Nessa altura, ele poderia encontrar um clube de cavalheiros público adequado para beber seu uísque. Luke passou a mão pelos cabelos. Mas o matrimônio era um estado infeliz que ele planejava nunca se encontrar. Era também o motivo de sua visita.

O prédio ficava no endereço Bedford Place 276, nos arredores da respeitável Londres. Permitia que os homens de sua guilda viessem aqui sem medo de serem vistos em um lugar impróprio, enquanto ainda estavam perto de outras delícias da variedade menos honrada de Londres.

Ele inseriu sua chave na fechadura e girou-a com um clique ressonante. Cada membro tinha sua própria chave e podia entrar a qualquer hora, noite ou dia. Ele entrou no vestíbulo escurecido e fechou a porta, trancando-a atrás de si.

Ele conhecia essa entrada como seu próprio quarto e se movia com facilidade pelo corredor, apesar da escuridão.

Quando ele virou a esquina, uma sala se abria para a esquerda. Era bem iluminada e extravagantemente decorada, não da maneira que uma mulher preferia, mas perfeita para um homem. Era a segunda casa de Luke. Belas cadeiras de couro abundavam o recinto, assim como garrafas de uísque, conhaque e champanhe, o melhor que um

homem podia esperar para beber. Vários garçons e um maître estavam prontos para conceder qualquer capricho que ele procurasse.

Hoje, ele desejava mais discutir um dilema particularmente vexatório que teve com dois de seus compatriotas mais próximos, lorde Gracon e lorde Harrington.

Encontrou-os sentados em um canto sossegado, perfeito para conversas particulares. Embora ainda não fossem dez da manhã, ele parou para se servir de um copo de uísque. Ele já tinha ido ao seu clube de boxe esta manhã e poderia usar a bebida como incentivo para o que ele estava prestes a dizer.

Normalmente, ele boxeava pelas tardes, suas atividades de fim de noite fazendo meio-termo ao seu tempo normal de lazer. Mas seu pai insistiu que Luke ficasse na mansão na noite passada, então ele se levantou cedo e saiu de casa o mais rápido possível.

Embora ele amasse seus pais, suas visitas eram muitas vezes repletas de tensão, sendo esta a mais difícil até agora. O marquês de Winston era um homem que exigia que suas ordens fossem cumpridas.

— Então, o que te traz aqui a uma hora tão cedo? — Lorde Gracon tomou um gole de chá, olhando-o por cima da borda.

— Você sabe que minha mãe e meu pai estão na cidade. — Luke fez uma careta com as palavras.

— Eles estão ficando em Clearwater? — Lorde Harrington perguntou.

— Não. Eles escolheram ficar comigo em vez disso.

— Como... — Gracon fez uma pausa. — Que infelicidade.

Luke passou a mão pelo cabelo novamente. Era um gesto ao qual ele normalmente não estava propenso.

— Você não sabe a metade disso.

— Diga-nos. — Harrington sorriu.

Era melhor apenas dizer as palavras e sair.

— Eles querem que eu me case. — Ele fez uma careta, foi tomar um gole de seu uísque e descobriu que seu estômago não podia tolerar isso. Deixando o copo novamente, ele correu os dedos pelo cabelo novamente.

— Bem, isso é muito angustiante. — Gracon levou a xícara aos lábios novamente, mas Luke teve a nítida impressão de que ele escondia um sorriso com sua xícara de chá.

— Fica pior. — Ele respirou, estabilizando-se. — Eles fizeram um contrato. Sem o meu consentimento.

Os dois homens se inclinaram para a frente, com as xícaras de lado, os sorrisos combinando em seus rostos.

— Com quem? — Gracon perguntou.

Danação, eles nem estavam tentando esconder a alegria.

— Lady Tabitha Riley. — Ele cuspiu as palavras. Durante os poucos bailes que seus pais o forçaram a frequentar, ele nunca tinha visto a moça em questão, embora seu pai lhe assegurasse que ela estava lá. Ele havia respondido que, se ela valesse a pena, já a teria conhecido.

— O que há para reclamar, velho amigo? — Harrington inclinou-se e deu um tapa nas costas dele. — Ela é bem bonita, bem conectada, muito doce. Ela será uma excelente esposa.

Gracon assentiu em concordância, mas Luke cortou a mão no ar.

— Eu não quero uma esposa. E se eu quisesse, ela seria a última mulher que eu escolheria.

— Última... realmente? Você se casaria com Lady Millicent Dunphry primeiro? — Gracon sorriu.

Harrington, pegando o jogo, riu.

— Ou Lady Mildred Cleary?

Luke olhou para eles sem se divertir.

— Vocês deveriam estar me ajudando. Não é divertido. Ela é uma wallflower de primeira classe. Aposto que ela vai para a cama exatamente às oito da noite e se levanta com o sol. Ela provavelmente tem excelentes habilidades em bordar e fala sem parar sobre fofocas. Eu estarei morto com a idade de quarenta anos, tendo morrido de completo tédio.

Gracon suspirou e sentou-se na cadeira.

— Se você se casar com o tipo de mulher com quem normalmente se envolve, nos deixará na idade madura de trinta e cinco anos. Meu amigo, você poderia ficar bem com um pouco mais de estabilidade.

Luke fez um gesto para protestar, mas Gracon levantou a mão.

— Além disso, você é quem gosta de dizer que o invólucro exterior não revela o que está por baixo. Talvez você deva conhecer Lady Tabitha antes de julgar.

Bem, que exploda todos para o inferno... usando suas próprias palavras contra ele. Luke duvidou que qualquer mulher pudesse convencê-lo a casar. Mas, mesmo assim, ele supôs que o homem tivesse razão.

CAPÍTULO 01

Uma semana depois:

Lady Tabitha sentou-se na sua cadeira no escritório do pai e tentou manter a boca fechada. Estava certa de que o pai acabara de lhe contar que o contrato de casamento estava sendo feito com o conde de Sussex.

— Você não pode estar falando sério? — Ela murmurou sem poder se conter.

— Posso assegurar-lhe que é tão sério quanto a peste, jovem dama — respondeu o pai dela, o duque de Waverly.

Empurrada de cabeça no desastre, ela deixou as palavras caírem de seus lábios.

— Mas papai, ele é um conhecido e debochado libertino, bebendo e jogando e...

— Pare, querida. Uma dama não diz essas coisas. — Sua mãe levou um lenço à boca.

— Claro, mãe. Peço desculpas. — Ela respirou fundo. — Eu não tenho ilusões de um casamento amoroso, mas achei, que talvez, pelo menos, compartilharia alguns interesses em comum com o meu futuro noivo.

— Não seja ridícula, é claro que você tem interesses em comum. Vocês são ambos membros da nobreza, de excelentes famílias, com um objetivo comum de povoar a próxima geração de... — Sua mãe agora estava agitando o lenço, aparentemente preencher a próxima geração a tinha mais excitada do que Tabbie já tinha visto em algum tempo.

— Sim, querida. Obrigado. Não precisamos discutir essa parte ainda. — Seu pai voltou-se para ela. — Ouvi dizer que ele é bem bonito. Você deveria conhecê-lo antes de dispensá-lo.

— Nós já nos conhecemos. — Seus lábios se afinaram em uma linha reta. Isso queria dizer que ela foi apresentada a ele em duas ocasiões diferentes, mas seus olhos mal a roçaram antes de seguirem outra mulher pela sala. Nenhum homem jamais a fez se sentir tão invisível e ela era uma wallflower, ou seria se não fosse a filha de um duque.

— Excelente. Eles estão chegando hoje para uma visita. Espero que vocês tomem o chá da tarde juntos.

— Perdão? — Ela se levantou, esquecendo completamente suas maneiras. — Hoje?

— Sente-se. — A voz severa de seu pai reverberou pela sala.

Ela não teve escolha senão fazer o que lhe foi dito. Mas seus olhos se estreitaram. Seu pai deveria saber que eles vinham há algum tempo. Ele intencionalmente manteve essa informação escondida dela. O mais provável era para que ela não tivesse tempo de planejar uma fuga.

— Você estará no seu melhor comportamento. Será educada e agradável. Você vai ficar quieta ou, se falar, vai manter sua língua doce.

— O que isso quer dizer? — Sua própria raiva estava aumentando.

— Tabbie, querida, você tem uma tendência a fazer os homens se sentirem diminuídos quando você verbalmente... — Sua mãe fez uma pausa, mas seu pai preencheu.

— Os ataca. — Ele deu um aceno para enfatizar seu ponto.

— Isso é ridículo. Eu não...

— Oh querida, você é uma das pessoas mais amáveis que eu conheço. Mas você tem um pouco de temperamento. E as palavras que você fala quando os ataca... — A mãe dela cobriu a boca com a mão.

— Seja inteligente para o seu próprio bem, — seu pai resmungou.

— Encontre outra pessoa. — Tabbie se levantou novamente.

— Não há mais ninguém. Sua decisão de ficar em cima do muro em cada sarau a que participamos dificultou encontrar um pretendente. — Seu pai também se levantou. — Seja educada.

— Tudo bem, — ela murmurou.

Tabbie levantou as saias e saiu do escritório com a maior dignidade que conseguiu. Ela ainda tinha várias horas antes de se encontrarem. Certamente ela poderia traçar um plano antes disso.

Três horas depois, ela se sentou na sala esperando o conde de Sussex. O maldito homem estava atrasado. Ele deveria ter chegado às duas e meia, mas agora eram três e ele não estava em lugar algum para ser visto. Na falta de algo para fazer, ela pegou um livro colocado artisticamente na mesa. *A história da Inglaterra Ducal* enfeitava a capa e ela tentou não revirar os olhos.

— Leitura interessante, — uma voz de barítono retumbou da porta. Foi melodioso de uma forma que atingiu um acorde profundo dentro dela. Mas ela ignorou o sentimento, preferindo se concentrar no assunto em questão.

Apelo era algo que ele não tinha, diferente de si mesma. Os poucos bailes que ambos frequentaram, ela não pôde deixar de vê-lo. Cabelos ondulados e escuros, mais compridos do que a moda atual, eram penteados para mostrar as maçãs fortes do rosto e olhos verdes penetrantes. Com ombros largos, ele levava uma cabeça mais alta perto de qualquer outro homem que ela conhecia. Mas ela não podia deixar que a boa aparência dele a distraísse agora.

— Você gosta disso, meu lorde? Eu pensei que alguma leitura leve poderia temperar meu tédio. Tão gentil de sua parte me manter esperando.

O tilintar distinto das agulhas de bordado de sua acompanhante se mexendo encheu a sala e parou completamente. O pai dela ouviria sobre o seu comentário, sem dúvida. Um segundo depois, as agulhas retomaram seu ritmo de trabalho e uma pequena risada caiu nos lábios do conde.

— Um prazer, tenho certeza, minha lady, — ele murmurou.

O idiota não ia morder a isca. Bem, dois poderiam jogar esse jogo.

— Encantada, tenho certeza. — Sem esperar por sua resposta, ela largou o livro e se levantou, indo até a janela, de costas para ele.

Droga para tudo, mas ela estava profundamente ciente de sua presença, enquanto ele caminhava atrás dela.

— Então, — sua voz flutuou sobre sua pele, fazendo-a tremer. — Nós vamos nos casar.

— Assim, parece. — Ela respondeu e manteve os olhos treinados no jardim, mas a mão dele pousou no vidro ao lado dela, obstruindo sua visão e seu corpo se inclinou tão perto que ela podia sentir seu calor. Se ela não tivesse certeza de que ele era um libertino antes, sabia disso agora. Nenhum cavalheiro tomaria tais liberdades.

— Parece? Você acha que não vamos nos casar? — Houve uma risada em sua voz. — Bem, isso é uma reviravolta interessante.

— Você quer se casar comigo? — Eles estavam chegando ao coração das coisas bastante rapidamente. Tabbie respirou fundo. Era importante esclarecer.

— Por favor, não leve para o lado pessoal. Eu não quero casar com ninguém. — Sua respiração fez cócegas em sua orelha. Isso realmente ajudaria se ele recuasse.

— Eu entendo completamente, — ela respondeu, e entendia. Um libertino era tão desagradável para ela quanto uma wallflower

provavelmente era para ele. Embora ela apreciasse que ele se afastasse ao dizer isso.

— Mas um conde seria um bom partido para você, então eu estou intrigado com a sua resistência. — Sua mão roçou a parte inferior de suas costas em um gesto que era totalmente inadequado e arruinando sua concentração.

Pegando suas próximas palavras com cuidado, ela respirou fundo.

— Não faço suposições de que vou encontrar amor, mas preferiria um marido que quisesse minha companhia.

— Lady Tabitha, vire-se, — ele ordenou. Ela hesitou por um segundo e então foi como se seus pés tivessem uma mente própria quando ela se virou para finalmente olhar para ele. Recuperando o fôlego, seus olhos devoraram o rosto dele. Ele era ainda mais bonito, de perto, com as fortes maçãs do rosto e lábios cheios que se inclinavam ao menor sorriso. Eles pareciam suaves, atraentes e ela estendeu a mão enluvada para cima, como se tocassem seus dedos neles.

Ela era uma mulher que sempre manteve sua inteligência. Mas neste momento, não conseguia juntar um único pensamento, enquanto ele também a avaliava.

— Agora estamos tendo uma conversa real. — Uma de suas sobrancelhas arqueou-se.

— Mesmo? Eu preferia quando estava virada para janela — ela murmurou, abaixando a mão. Ela piscou e desviou o olhar, tentando chamar seu corpo rebelde de volta aos calcanhares.

— E por que isso? — Sua voz estava tão perto. Seus lábios seduziam quando se contorceram de divertimento.

— Toda mulher na Inglaterra deveria lhe dizer? — Ela se virou novamente.

A surpresa percorreu Luke pelo menos pela terceira vez desde que ele entrou na sala. Lady Tabitha era uma wallflower conhecida, isso era um fato, mas como ela poderia ser tão bonita e não ser notada? Coincidindo seus traços clássicos com seu lado doce, olhos azuis luminosos e sedutores, tinha cabelos ruivos grossos e ondulados que mal pareciam serem contidos por grampos. Ele se perguntou como seriam espalhando em um travesseiro branco.

Seu nariz era pequeno e adorável com um pouco de sardas. Ele tinha o desejo distinto de beijar cada uma enquanto as contava. Enquanto ela estava de frente para a janela, ele avaliou a curva do traseiro dela, que declarou ser deliciosamente perfeito.

Ela não era alta, como estava atualmente na moda com a sociedade, mas parecia do tamanho certo para se encaixar contra ele, suas curvas suavizando suas arestas duras de todas as maneiras.

Ele tentou decidir o que poderia perguntar a ela primeiro. O que toda mulher na Inglaterra tinha a lhe dizer? Ele já sabia que Lady Tabitha estava se referindo à sua aparência. Mas o que ela queria dizer sobre ele não gostar dela?

— Por que você acha que eu não quero sua companhia?

Ela se virou para ele então, a surpresa escrita em suas características adoráveis.

— Eu penso que é óbvio.

— Para você, talvez, mas eu gostaria de ser esclarecido.

Sua mão deslizou para seu quadril. Era inapropriado, mas ele não conseguia se conter. Apesar de ser um libertino conhecido e membro do Wicked Earls Club, ele tinha limites. Ele manteve sua atenção nas mulheres que entendiam o que significava para um homem ser um libertino. Viúvas, as de saias leves e coisas do gênero. Geralmente, ele ficava longe de jovens damas em idade de casar. E quando forçado a

ficar em companhia de uma delas, ele manteve as mãos firmemente para si mesmo. A última coisa de que ele precisava era encorajar uma mãe que pensasse em casamento.

Ele se perguntou por que Lady Tabitha era diferente. Talvez porque ele pensava que se casariam afinal de contas? Mas não, não era isso. Parecia que ele queria tocá-la. Ele não conseguia se lembrar da última vez que desejou tocar uma mulher tanto assim.

— Bem, eu sou uma wallflower para começar. Todo mundo sabe disso.

— Você escolheu ser assim. Deixando os bailes o mais cedo possível, diminuindo as danças até que os homens parassem de pedir. Esfolando com sua língua os poucos homens que persistam.

— Isso foi apenas com Lorde Carrington. Ele foi bastante rude. — O queixo dela inclinou-se para um ângulo desenvolto e ele teve que sorrir.

Ela tinha uma personalidade real. Luke não pôde deixar de admirá-la. Ele se perguntou se ela seria atrevida na cama. Um calor delicioso passou por seu corpo com o pensamento.

— Certo. Agora continue, por que eu não quero sua companhia?

— Bem, eu gasto meu tempo alimentando os sem-teto e ajudando nos orfanatos. — Ela ergueu as sobrancelhas, como se isso significasse alguma coisa. Sua mão veio para o outro quadril. Mesmo com sua mão grande envolvendo sua cintura, ela tinha caráter. Ele descobriu que gostava disso, imensamente.

— Sim? — Sua voz retumbou e ele viu um rubor subir em suas bochechas. O que ela estava pensando?

— O que você faz de seus dias, meu lorde?

A surpresa novamente passou por suas feições. A pequena fedelha estava julgando-o. O que era aquilo? Ela achava que ele era um inútil. Era ele quem deveria rejeitá-la.

— Por que sua pequena...

— Cof cof. — Ela levantou o dedo entre eles e ele teve o impulso absurdo de beijá-lo, lambê-lo. Talvez dar uma mordidinha. — Você não quer se casar comigo, lembre-se.

— Com uma língua assim... — Ele começou, mas viu a dor atravessar seu rosto. Seus lábios deliciosos viraram nos cantos, os olhos enevoados e os ombros caídos. Então ela endireitou-se novamente. Ele admirava a tenacidade dela e uma pequena culpa passou por ele por fazê-la se sentir assim. Realmente ele não se importava com um pouco de brincadeira; na verdade, ele gostou bastante disso. Uma mulher sem faísca ficaria aborrecida e ele não deveria ter dito isso. — Mas você está certa sobre nenhum de nós querer se casar. O que você propõe?

Sua carranca se transformou em um sorriso brilhante em um segundo e ele se deleitou em seu esplendor. Aquilo iluminou seu rosto, fazendo-o sorrir de volta.

— Estou tão feliz por você concordar. Eu não posso estragar o nosso relacionamento. Eu nunca vou me recuperar socialmente. Mas você é um conhecido libertino. Você poderia ser pego copulando com uma serva ou...

Seu corpo se apertou e porra, que fosse tudo para o inferno se seu pênis não endureceu com a palavra copulando vindo de seus lábios completamente doces. Se ao menos ele pudesse prová-la. A ondulação de seus quadris implorou por sua outra mão.

— Você acabou de sugerir que eu pegue uma serva?

— Sim, mas você deve ser pego copulando. — Ela deu-lhe um aceno ansioso.

— Este é o seu plano? — Suas sobrancelhas se levantaram quando ele a avaliou.

Um dos dedos dela descansou em seu lábio inferior enquanto ela reconsiderava. Ele queria substituir esse dedo por sua boca. Mas ela parecia inconsciente de como estava afetando-o enquanto falava.

— Meus pais só me contaram sobre sua visita hoje de manhã. Tenho certeza de que eles não querem que eu tenha muito tempo para planejar.

Suas sobrancelhas subiram mais alto.

— Você faz um esquema assim com frequência?

— Só quando necessário. — Seu tom implicava o que deveria ser óbvio. Ele tentou esconder seu sorriso. Amaldiçoado fosse se ela não era interessante.

— Você é uma dama, como você sabe o que é copular?

— Você ficaria espantado com o que se ouve por trás das portas. — Ela deu-lhe um sorriso. Seus olhos dançavam com uma alegria que era contagiante.

— Você percebe que qualquer serva com quem eu seja pego será demitida. — Ele cruzou os braços, mas imediatamente se arrependeu. Ele sentia falta do calor dela sob sua mão, a sensação do corpo dela.

Mas ele tinha que parar de pensar assim. Embora toda essa conversa tivesse sido muito mais divertida do que ele jamais sonhara ser possível, provavelmente seria melhor acabar com isso.

— Droga. — Seu pé pisou no tapete de pelúcia.

Ele gostaria de ver aquele pé e o tornozelo preso a ele. Talvez deslizesse sua saia até a coxa e ele...

— Lady Tabitha, você passou muito tempo na janela. Por favor, volte para o sofá — sua acompanhante chamou.

— Continue pensando em mais ideias. — Sua mão enluvada descansou sobre a lapela dele cobrindo o alfinete com W do clube. Seu corpo se apertou novamente e seus dedos coçaram para retornar ao quadril dela. — Precisamos elaborar um plano rapidamente. Encontre-me na biblioteca hoje à noite, na batida das doze, para que possamos decidir o que fazer.

Era uma ideia terrível. Se fosse pego, não haveria escapatória do casamento. Mas também era extremamente divertido e a última coisa que ele esperava deste encontro de hoje. E assim, ele se viu absolutamente caminhando.

CAPÍTULO 02

O jantar tinha sido exatamente o que ele tinha esperado ao chegar à propriedade rural de um duque. Um evento aborrecido e entediante, cheio de conversa agradável e, ele tinha que admitir, excelente vinho.

Embora quando seu copo tivesse sido reabastecido, ele viu Lady Tabitha olhando-o por cima da mesa e dando uma sacudida sutil de sua cabeça. Mulher abusada. Eles nem estavam noivos ainda e ela já estava limitando seu álcool.

Mas ele colocou o copo na mesa e pediu licença para se retirar. Encontrando seus olhos quando ele alcançou a porta, ele curvou o dedo para ela.

Seus olhos se arregalaram quando ela olhou ao redor da mesa para ver quem poderia ter notado. Mas ninguém notou nada.

Entrando no corredor, ele esperou por mais alguns minutos até que ela se juntou a ele.

— Você ficou louco? — Ela sussurrou quando chegou ao seu lado.
— Se continuar assim nós vamos nos casar pela manhã.

— Você está sendo dramática, — ele revirou os olhos. — Além disso, você se casou comigo em sua mente de qualquer maneira, me dizendo para não beber. — Ele olhou para ela em acusação.

Ela deu de ombros. O movimento destacou a curva suave de seu ombro cremoso. Ele seguiu a gola do vestido até onde havia apenas uma sugestão visível de pele acima do tecido de marfim. Ele adoraria lamber o local logo acima dele, então...

— Eu simplesmente queria que você tivesse todas as suas faculdades mentais esta noite. Há muito do nosso futuro em jogo aqui.

Bem, esse era um bom ponto de vista. Mas ele não disse em voz alta. Em vez disso, ele deu um passo à frente e sussurrou:

— Só não faça disso um hábito.

Ela estendeu a mão e deu-lhe o pequeno empurrãozinho. O calor irradiava do ponto em que ela o tocara.

— Pelo que ouvi, alguma moderação faria bem a você.

Seus olhos se estreitaram e ele pegou sua mão que acabara de tocá-lo, a outra chegando à sua cintura. Sua cintura muito pequena, pequena o suficiente, ele tinha certeza de que poderia circular com as mãos. Mas ele não se distrairia agora. Que palavras de fofoca diziam sobre ele?

— O que diabos isso significa?

Ela deu um pequeno suspiro e ele não tinha certeza se era sua pergunta, o uso de palavras, ou o fato de que puxou o corpo dela para perto do dele. Mas um pequeno fogo acendeu em seus olhos quando sua boca se abriu. Era impressionante. Tudo o que ele precisava fazer era baixar a cabeça.

Ele se aqueceu, seu corpo e sua mente respondendo ao desafio diante dele. Ele sentiu a antecipação através dele com o que ela poderia dizer em seguida. Ela não desapontou.

— Como parece que jogamos fora todas as regras do decoro, falarei claramente. Você nega que é um libertino? — Suas sobrancelhas subiram e seus olhos se arregalaram de um jeito que a fez se parecer com uma presa. Algo parecido com um grunhido retumbou profundamente dentro de sua garganta. Ele não ficou ofendido. Mas falando de seus modos libertinos, e a expressão em seu rosto, fez com que ele demorasse para praticá-los nela.

— Eu não escondo o fato de que tenho desfrutado de algumas mulheres dispostas. — Ele a puxou completamente contra seu corpo e

a sensação dela era deliciosa. Suas curvas suaves moldaram-se a ele de uma maneira que nenhuma outra mulher jamais fez.

Mas sua boca formou um O.

— O que você está fazendo?

Uma risada irrompeu de seu peito.

— Relaxe, eu disse disposta. Além disso, nunca me dou bem com damas casadas.

Seu medo foi imediatamente substituído por descrença.

— Realmente, nem mesmo mulheres como Lady Ravenna?

— Como diabos nas sangrentas chamas do inferno você sabe sobre isso? — Ele apertou-a mais perto, mesmo quando piscou em descrença. Apenas quando pensou que tinha a vantagem.

Ela acenou com a mão, virando-se e empurrando o peito dele para longe.

— Você não foi exatamente sutil, tenho certeza.

Ele a deixou se afastar embora instantaneamente se arrependesse. Perguntas borbulharam até seus lábios. Ele chamou-a aqui para castigá-la sobre seu mau comportamento, mas de alguma forma era ele quem estava sendo castigado. Um sorriso brincou em seus lábios. Era delicioso. Ela era interessante, inteligente, bonita e ele queria saber mais.

— Nada disso importa. Estamos falando do nosso futuro...

— E é por isso que você precisa evitar beber demais. Nós nunca vamos escapar do nó deste casamento se não colocarmos nossas cabeças juntas.

Essa era uma ideia que ele gostava imensamente. Suas cabeças juntas. Ele estava prestes a dizer isso a ela quando um movimento na porta chamou sua atenção.

Uma jovem dama estava na porta, com o mesmo cabelo ruivo e olhos brilhantes como Lady Tabitha. Segurando as mãos, ela olhou seriamente para sua irmã.

— Tabbie, volte aqui. Sua ausência foi notada. A mãe vai ter um ataque se você não...

Lady Tabitha suspirou.

— Eu estou indo, Tricia. — Então ela se virou para ele. — Vejo você hoje à noite.

Inclinando-se, ele sussurrou em seu ouvido:

— Você certamente vai, Tabbie.

Tabbie tentou se concentrar no resto da noite. Mas ela mal escutou qualquer conversa filtrada ao seu redor. Não era surpresa que ela estivesse distraída. O que era bastante desconcertante era a causa. Ela deveria estar sonhando com maneiras de escapar desse compromisso sem pensar na sensação dos braços do conde. Luke, ela ouviu a marquesa, sua mãe, sussurrar no jantar quando ele finalmente retornou do corredor. Ela não parecia muito satisfeita com o filho.

Ocorreu brevemente a ela que poderia se casar com ele. Deixá-lo tocá-la com todos os tipos de maneiras deliciosas. Ela sentiu a prova de sua... afeição quando ele a abraçou.

Mas essa era uma ideia tola que só terminaria em seu desgosto. Ele era um libertino. Ele admitira isso. Logo ele se cansaria dela, só que ela não seria capaz de se desfazer do casamento. Ela seria forçada a assistir quando ele encontrasse uma nova dama a quem pudesse esbanjar sua afeição. Ela voltaria a ser a wallflower que ele deixou de olhar em favor de uma mulher mais atraente. Seria despedaçada e rejeitada por ele novamente.

Estremecendo, ela fechou os olhos. Foi quando ela percebeu que o marquês estava falando com ela. E ela não estava prestando atenção em nada.

— Perdoe-me, — ela deu um sorriso de desculpas.

— Eu ouvi muito sobre o trabalho de caridade que você está participando, — ele repetiu com um sorriso suave.

Ela estava orgulhosa do trabalho que fizera. Recentemente, ela abriu um abrigo para mulheres e seus filhos que perderam ou nunca tiveram um provedor. Mantinha-os vestidos e alimentados e, em troca, as mulheres consertavam roupas. Isso lhes deu uma opção muito melhor do que as casas de reformatórios que elas teriam que suportar. Ela viu esses lugares. Eles eram quase piores que a morte.

Mas ela era adepta de conversas aristocráticas e sabia que o homem estava simplesmente sendo educado. Ela daria a ele a menor resposta possível para desculpá-lo pela discussão.

— Obrigada, meu lorde. É muito gratificante.

Ela esperava que o marquês assentisse e se afastasse, mas seus olhos estavam voltados para ela.

— Você vai continuar com essas atividades depois de se casar?

Era uma armadilha. Havia algo sobre ela que ele queria saber. Ela era uma candidata para ser esposa do seu filho. Claro que o interesse dele era mais do que casual.

Seu pai olhou para ela por cima da mesa, seu aviso para manter sua língua doce em seus ouvidos. Com um suspiro, ela deu a resposta esperada ao invés de uma que ela realmente queria dizer.

— Vai ser até meu marido consenti-lo.

O marquês deu-lhe um aceno satisfeito e depois se virou, mas os olhos de Luke estavam voltados para ela. Uma de suas sobrancelhas se levantou em dúvida e ela abaixou a cabeça para não sorrir.

Era como se eles estivessem conversando em silêncio na mesa, onde ele entendia o subtexto do comentário dela, e a pessoa que ela era quando não fingia ser a dama que seus pais queriam que ela fosse.

Eles se conheciam há horas e, no entanto, ele já a entendia. Que peculiar.

Quando o jantar terminou, os homens se retiraram para fumar e Tabbie se preparou para esperar até a hora do encontro à meia-noite.

Duas horas depois, ela se debateu sobre a mudança de seu vestido de noite, mas optou por deixá-lo. Luke provavelmente ainda estaria em seu colete, fraque e gravata e ela não queria estar em desvantagem. Sua roupa seria como uma armadura. Se ela estivesse usando, isso pareceria qualquer outro engajamento social e não o encontro clandestino com o qual se assemelhava.

Embora ela não tivesse intenções desagradáveis. A menos, é claro, conspirar para encerrar um compromisso contado como inconveniente. O que provavelmente seria. Mas ela não estava aqui para um encontro, não importava o quão bonito ele fosse. Ou como seus lábios a tentaram. E certamente não porque, apesar de só tê-la conhecido por algumas horas, ele parecia realmente vê-la, entender quem ela era por baixo da fachada que apresentava como filha de um duque.

Sentando no peitoril da janela, ela abriu o vidro e olhou para o céu noturno, uma clara noite de primavera, a lua brilhando na sala. Banhou-a em uma luz pálida e virou o rosto para ela, aproveitando o silêncio desta hora que a noite trouxe.

Seus olhos se fecharam enquanto ela respirava o ar úmido que se filtrava do lado de fora. Deu-lhe um ligeiro calafrio, mas de um jeito revigorante. Ela estremeceu e arrepios começaram a se formar em seus braços, mas um sorriso tocou seus lábios. Encontrar-se com um homem bonito para criar uma trama era tão excitante.

O menor ruído atrás dela fez seus olhos se arregalarem, mas antes que ela pudesse se virar, uma mão envolveu seu braço e o hálito quente soprou em sua bochecha.

— Você está deslumbrante assim, banhada pelo luar.

Luke.

Sua mão era quente e forte, aquecendo sua pele.

— Isso é, provavelmente, porque você não tem uma boa visão.

— Você duvida de seu próprio encanto? — Seus lábios roçaram o lóbulo de sua orelha, enviando arrepios de um tipo diferente inteiramente correndo ao longo de sua pele.

— Para você? Decididamente, sim. — Mesmo em seu melhor dia, ela não manteria a atenção de um homem como ele por muito tempo. Era exatamente por isso que ela tinha que se concentrar em seu plano para escapar desse noivado.

Ele não recuou. Se qualquer outra coisa, ele se pressionou ainda mais perto.

— Você deveria se dar mais crédito, minha pequena Tabbie.

Ela se virou para falar com ele. Mas ele estava tão perto e quando a cabeça dela se retorceu, seus lábios se roçaram. Foi suave, gentil e um acidente completo. Ainda sentada no peitoril, ela não podia ir muito longe, mas puxou a cabeça para trás.

— Peço desculpas. Eu não queria...

Mas suas palavras foram cortadas quando a cabeça dele baixou, tomando seus lábios novamente. Este não foi o roce macio de momentos antes, isso era uma reivindicação. Lábios macios, porém, firmes, pressionados contra os dela, fazendo seu coração acelerar.

Seus lábios deixavam os dela por um segundo só para pressionar novamente, mais e mais. Seu peito subiu e desceu rapidamente, enquanto as mãos dele deslizavam por suas bochechas. Suas palmas

seguraram seu rosto, enquanto seus dedos se espalharam em seus cabelos. Suas próprias mãos foram para o peito dele, agarrando o tecido de seu colete. Sem o qual ela tinha certeza de que iria sair do peitoril. Seus beijos tinham enviado seu corpo para fora de controle.

Ele finalmente levantou a cabeça e enquanto parte dela queria desesperadamente que ele trouxesse seus lábios de volta para os dela, outra parte mais saudável lutou para ganhar o controle de seu corpo. Ela engoliu em seco.

— O que acabou de acontecer? — Ela conseguiu resmungar.

Ele ainda estava tão perto, as mãos segurando a cabeça dela, os lábios a poucos centímetros dos dela.

— Eu a beijei.

Seus olhos se concentraram um pouco mais.

— Eu estou ciente disso. Eu só não esperava que fosse me... — Consumir. Essa era a única palavra que poderia descrever como ela se sentia agora. Nesse momento, ela provavelmente dar-lhe-ia tudo o que pudesse oferecer se ele apenas a beijasse novamente.

— Foi melhor ou pior do que os beijos de antes? — Seus olhos estavam se estreitando e avaliando-a com uma intensidade que era alarmante, como se sua resposta importasse.

— Eu... — Suas bochechas se aqueceram. Ele sabia que ela era uma wallflower, mas ainda a envergonhava admitir a verdade. — Eu não tenho nenhuma experiência com a qual comparar.

Ele fez um som rouco e masculino no fundo da garganta. Ela não sabia o que significava, mas no momento seguinte, ele a puxou do peitoril, envolvendo-a em seus braços enquanto seus lábios desciam novamente. Mais e mais eles reivindicaram os dela até que ele os abriu e sua língua deslizou contra a dela. Se ela tinha se aquecido antes,

estava em chamas agora e um gemido escapou de seus lábios para ser engolido pelo dele.

Suas mãos deslizaram para trás, roçando seus ombros, roçando seu pescoço, entrelaçando seus cabelos. Suas entranhas doíam com a necessidade e ela se pressionou contra ele, a sensação de seu corpo aumentando o prazer torturante da maneira mais deliciosa.

E então seus lábios se foram. Ela piscou, tentando endireitar a sala inclinada, desejando encontrar seu beijo novamente.

— Eu não sabia que seria assim. — Era essa a voz dela? Tão rouca e devassa?

— Nem eu. — Ele ainda estava segurando-a perto, com as mãos no cabelo dela, e seus lábios roçavam sua têmpora.

Sua cabeça estalou para trás, seus olhos se encontrando, a neblina do beijo clareando.

— Você não pode me dizer que não beijou ninguém. Isso é ridículo.

Sua expressão era desamparada quando ele parecia tomá-la com seu olhar, devorando cada detalhe.

— Quando você está prometida ao seu futuro marido e ele te beija, descobrirá que nem todos os beijos são iguais. Quando seus ossos se derreterem e a sala girar, entenderá que esse beijo foi especial.

— Como... como você sabe que foi assim que eu senti? — Seus olhos estavam cheios de admiração. Ele tinha lido a mente dela?

— Eu não sabia. Eu estava falando sobre mim. — Ele se afastou então, seu rosto aflito.

Ela quase tropeçou quando ele parou de apoiá-la e ela agarrou o peitoril para que permanecesse em pé.

— Oh, não sei o que dizer. Tenho certeza de que outras mulheres fizeram você se sentir assim. Eu...

— Tabbie. — Sua voz era rouca novamente, sua respiração ainda irregular. — Estou partindo hoje à noite.

Ela piscou duas vezes. O que ele estava falando?

— Por quê? Foi o beijo? Eu não queria. Isso não vai acontecer novamente.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu vou encontrar uma mulher. Uma que não trabalha aqui. Nós vamos colocá-la em um uniforme para seguir com o seu plano. Seu pai vai descobrir, mas não conseguirá encontrar a serva que precisa demitir, mas será tarde demais até lá.

— Isso é brilhante. — Por que ela não tinha pensado nisso? Provavelmente porque ela estava sonhando com seus lábios.

— Eu tracei alguns planos para este dia. — Ele se inclinou e beijou sua testa. — Eu volto amanhã à tarde. Podemos colocar nosso plano em ação no baile amanhã à noite.

Bem, isso era muito eficiente dele. Ela deveria estar excitada, a ideia foi dela. Mas agora, tudo o que ela podia sentir era pavor.

CAPÍTULO 03

Luke observou o sol nascer e ficou maravilhado com a sensação de ficar acordado a noite toda, quando não bebia álcool.

Ele estava nos arredores de Londres e, embora desejasse fazer esse negócio, sabia que deveria ir para sua casa e dormir algumas horas. Então ele poderia visitar o clube quando estivesse mais perto da refeição do meio-dia. Vários homens estariam lá junto com muitas das senhoras que eram servas no clube. Elas eram o tipo de mulher cuja ajuda ele precisava esta noite.

Assim que chegou em casa, seu cavalo foi levado ao estábulo e ele subiu as escadas. Sua equipe de servos não ficou surpresa ao vê-lo chegar de madrugada, sua agenda era muitas vezes errática.

Mas como ele não estava bebendo, notou os olhos desviados, e o modo como eles evitavam eficientemente interagir com ele.

Seu criado esperava em seu quarto, pronto para ajudá-lo a se despir. Enquanto ele supunha que este era um dever regular para o homem, despi-lo ao amanhecer, mas ele não queria particularmente companhia alguma agora. Algo profundo dentro dele estava inquieto.

— Não estou precisando de seus serviços esta manhã, Montgomery. Obrigado, — disse gentilmente.

A surpresa estava escrita em todo o rosto de Montgomery enquanto ele balançava a cabeça e se virava para sair.

A vergonha esfaqueou o peito de Luke.

— Espere, — ele chamou.

— Sim, meu lorde? — Montgomery voltou-se para ele.

— Com que frequência você me ajuda a me despir nas primeiras horas da manhã? — As entranhas de Luke se apertaram enquanto ele esperava pela resposta.

— Meu lorde? — Montgomery estremeceu.

— Está tudo bem, moço. Apenas responda à pergunta.

— Quase todas as manhãs, senhor — respondeu Montgomery lenta e silenciosamente.

Uma sensação doentia de medo e vergonha se instalou em seu estômago. O que ele havia se tornado?

— Obrigado.

Ele terminou de se despir e deitou em sua cama. Olhando para o travesseiro ao lado dele, se perguntou como seria ter cachos ruivos espalhados sobre o linho branco para que ele pudesse alcançá-los e tocá-los. Ele imaginou olhos azuis, cintilando com desejo e inteligência, avaliando-o e braços cremosos envolvendo seu pescoço. Fechando seus próprios olhos, ele deixou a fantasia passar por cima dele. Suas curvas se encaixariam perfeitamente ao seu lado. Ele a rolaria e beijaria cada centímetro de sua carne gloriosa. Ela choraria o nome dele quando se estilhaçasse por ele e então... Então ele a abraçaria. A noite toda ela estaria pressionada contra ele. Murmurando em seu sono, ele a seguraria e a confortaria enquanto respirava seu perfume.

Ele caiu no sono, sonhando com Tabbie.

Ele acordou com uma batida duas horas depois e fez uma careta para o travesseiro vazio ao lado dele. Estremecendo, ele se perguntou o que diabos estava errado com ele, sonhando com uma mulher assim. Não era o desejo que o preocupava. Ele imaginou todos os tipos de mulheres fazendo uma série de atos sórdidos. Muitos deles foram feitos na vida real. Foi a segunda metade de sua fantasia que o abalou em

seu núcleo. Ele queria exageradamente segurá-la perto a noite toda. Ele nunca quis isso com ninguém.

Depois de tomar seu banho e se vestir, ele foi para o clube, sentindo-se inquieto e nervoso. O medo enchia-o. Desta vez não eram pensamentos com Tabbie, mas de encontrar outra mulher para tocá-lo que o deixou um pouco doente. Ele só queria tocar em uma mulher e isso o assustou demais.

Achava que suas paredes poderiam acalmá-lo, mas a sensação habitual de calma não veio quando ele se aproximou do clube. Ele não sentiu alegria em abrir a porta, nenhum prazer quando passou pelo corredor escuro.

Virando-se na sala de fumar, ele se jogou em uma poltrona reclinável. Esfregando os olhos com os dedos, ele tentou relaxar. Por que ele estava tão irritado em encontrar uma serva para fazer o combinado? Esta era uma ocorrência normal para ele. Ele deve estar perdendo seu juízo querendo se aconchegar contra Tabbie e não tocar em outra mulher.

Uma bebida chegou à mesa à sua direita. Era seu costume, um uísque puro. Permitindo que seus olhos viajassem do copo para a transportadora, ele fez um balanço da mulher que o entregara. Cabelos escuros e olhos luminosos olhavam para ele, um sorriso conhecedor descansava em seus lábios. Um dia atrás, ele acharia aquele sorriso tentador demais para resistir. Mas, agora, isso o deixava... frio. Era um sorriso praticado, dado a qualquer homem bonito que pagasse.

Ele queria uma mulher que o desafiasse, que lhe desse amor e afeição, somente a ele. A nenhum outro. Uma mulher como Tabbie. Ela não daria um sorriso consciente para todo sujeito bonito que passasse. Mas ele empurrou esses pensamentos de lado. Tabbie nunca seria dele e precisava se concentrar na tarefa em mãos.

Ignorando a bebida, ele olhou para a mulher.

— Qual o seu nome?

— Mary. — Seu sorriso se alargou, seu quadril assumindo uma inclinação de flerte enquanto sua mão descansava sobre ele. — E quem é você?

— Você pode me chamar de Luke. — Ele deu-lhe um meio sorriso. Ele precisava de um pouco de charme. — Mary, eu tenho uma proposta para você.

— Quanto? — Ela perguntou, seus olhos ficando mais famintos. Maldito inferno, elas sempre foram tão óbvias?

— Você não preferiria saber o que eu vou oferecer primeiro? — Suas sobrancelhas se levantaram.

O choque fez seus olhos se arregalarem por um momento, mas depois se recuperou.

— Eu sei que não tenho nada com que me preocupar de pessoas como você.

Essa mulher precisava se casar com um homem. Não ele, claro. Ela não tinha o menor sentido, porque se tivesse, certamente não diria coisas tão ridículas. Ela não o conhecia de todo e não havia luz de inteligência para sugerir que realmente havia confundido o tipo de homem que ele era. Tabbie teria olhado para ele com desconfiança antes de questioná-lo com cuidado para descobrir suas verdadeiras intenções.

Ele se levantou e sussurrou em seu ouvido o plano e sua parte nisso. Para seu crédito, ela parecia bastante cética até que ele mencionou o preço.

— Eu vou te pagar com peças de ouro pelo trabalho.

Seus olhos se iluminaram e seu sorriso se espalhou de orelha a orelha.

— Eu vou fazer isso. — Ela assentiu com a cabeça. — Eu não posso acreditar que você vai me pagar muito e não quer realmente me ter, apenas fingir.

Ele manteve o sorriso estampado em seu rosto. Ele não podia acreditar que já encontrara mulheres assim antes.

Tabbie andava de um lado para o outro na biblioteca, os sapatos abafando o som dos passos dela batendo de um lado para o outro. Ele estava atrasado. Novamente.

O baile estava em pleno andamento no andar de baixo, uma acolhida para sua família. Todo mundo estaria especulando sobre um compromisso entre os dois. Era melhor ter todo esse negócio pronto rapidamente.

A maçaneta mexeu e ela parou de andar e olhou para a porta, suas mãos agarradas juntas.

A porta se abriu. Luke, maior que a vida, encheu a entrada. Sua respiração ficou presa na garganta e seu coração bateu descontroladamente. Ela apertou as mãos com mais força para não atravessar a sala e jogar os braços em volta dele.

— Você está atrasado.

— Minhas desculpas, minha lady. Chegar aqui em uma carruagem provou ser uma longa jornada.

— Luke não me disse que seria tão longe. — A voz de uma mulher soprou atrás dele.

O estômago de Tabbie caiu nos joelhos. A outra mulher o chamara de Luke. Havia um pedaço dela que queria acreditar que ele tinha sido um libertino no passado, mas o presente e o futuro poderiam ser diferentes. Agora que ela o conhecia, ela podia ver um bom homem. Um homem que a fazia se sentir viva, atraente e compreendida.

Mas o nome dele nos lábios de outra mulher quebrou qualquer esperança que ela estivesse abrigando. Ele falou de intimidade e um relacionamento. O presente não era apenas sobre os dois como ela queria acreditar. Seu tempo com ele seria sempre compartilhado com outras mulheres. Quantas vezes seu nome seria pronunciado pelos lábios de outras mulheres? Uma emoção que ela mal reconheceu subiu como bile, entupindo sua garganta.

Seus lábios se pressionaram juntos e ela empurrou um pacote de roupas para ele.

— Eu vou estar de volta com meu pai em vinte minutos. — Então ela fez gesto de sair pela porta.

— Como eu vou colocar Mary nessas roupas? — Ele soprou, segurando o braço de Tabbie para impedi-la de passar despercebida por ele.

— Eu tenho certeza que um homem como você pode descobrir isso. — Suas palavras continham um ressentimento que ela mal reconhecia, mas podia ver a compreensão surgindo em seus olhos.

— Tabbie. — Sua voz era suave e, em seguida, ele a puxou para perto, pressionando os lábios contra sua orelha. — Não me deixe sozinho com ela. Estou te implorando.

A dor dentro dela diminuiu consideravelmente e tudo surgiu de uma vez; ela reconheceu que estava com ciúmes. Isso nunca aconteceu antes. Ela nunca teve inveja de seus amigos, nunca experimentou rivalidade entre irmãos. Nem mesmo com seu irmão mais novo, Theodore ou Teddy, como a família o chamava. Herdeiro do ducado, ele era há muito tempo o favorito, mas, em vez de ficar com ciúmes, ela gostava dele como todos os outros.

— Você esteve sozinho com ela. Você terá que ficar sozinho com ela para poder...

— Não diga isso. — Sua mandíbula se apertou. Então ele a puxou para o outro lado da sala, deixando Mary parada na porta olhando para eles. Ele virou as costas para Mary, para que Tabbie estivesse completamente protegida do olhar descarado da outra mulher. — Sete horas eu passei na carruagem com ela. Nesse tempo, ela tagarelou sem parar e não conseguiu dizer absolutamente nada.

Seu rosto estava desfeito como se tivesse passado por algo terrível. Mas Tabbie fechou os olhos. Ele estava atraindo-a. Fazendo-a esquecer o que ela já sabia sobre ele. Ela precisava se lembrar que tipo de homem ele realmente era.

— Certamente você poderia pensar em outra coisa para fazer com ela? Você teve sete horas e considerando que ela veio em uma carruagem com você, tenho certeza que ela está mais do que disposta.

Ele parou, nem mesmo respirando. O único movimento foi o aperto de sua mão ao redor de seu braço. Finalmente ele murmurou:

— Perdão?

Ela não abriu os olhos, não pôde olhar para ele. Ela perderia toda a determinação se o fizesse. Em vez disso, ela seguiu em frente.

— Você vai ser íntimo com ela de qualquer maneira. Por que não? Seu corpo se pressionou contra o dela.

— Passe cinco minutos com ela e você saberá por que não. Essa mulher não tem um pinga de sentido ou um grão de inteligência. Nem eu mesmo...

— Você não iria...? — O ciúme estava subindo novamente. Em seu primeiro encontro com Luke, no baile de Winthrop, ele não olhou diretamente para ela, concentrando-se em lady Ravenna. Coincidentemente, ela era agora Lady Winthrop, mas esse casamento não aconteceu há alguns anos. Naquele baile, a vadia estava totalmente focada no conde de Sussex, Luke.

Mas a segunda apresentação que Tabbie tinha dado a Luke, apenas seis meses antes, ele estava apaixonado por uma loira verdadeiramente adorável que mal conseguia pensar com sua cabeça bonita.

— Lady Ashford não me parece uma mulher com senso ou inteligência. — Sua respiração sibilou.

— Abra seus olhos, Tabbie. — Sua voz ordenou e mais uma vez ela obedeceu. Seus olhos percorriam seu rosto como se procurassem por respostas. Eles finalmente se fixaram nela e seu olhar estava avaliando, procurando, queimando. — Por que essas duas mulheres? Você falou de Ravenna na noite passada e agora Lady Ashford — ele finalmente perguntou.

— O que isso importa? — Ela arrancou o braço de seu alcance, quebrando o olhar que eles estavam trocando. Ela precisava de distância entre eles, porque sua mente estava muito sobrecarregada para pensar corretamente. Agarrando a saia, ela se afastou. — Eu voltarei com meu pai em vinte minutos.

Ela ignorou as lágrimas que lhe cobriam os olhos quando se apressou a passar pela serva, Mary. Ou quem quer que fosse a mulher. Isso tudo ficou tão complicado. Se ao menos ele não a tivesse beijado. Ou melhor ainda, isso não a tivesse afetado. *Ele não a afetou.*

Encontrar seu pai foi alarmantemente fácil. Mesmo entre a multidão de pessoas, o pai dela era mais alto que a maioria. Ele veio em direção a ela. Acontece que ele estava procurando por ela.

— Onde você esteve? — Ele sibilou.

Suas mãos dispararam para seus quadris.

— Tentando resolver um problema que você se recusa a reconhecer.

Normalmente, ele teria dito a ela sobre seus pensamentos, mas em vez disso seus lábios se estreitaram.

— E qual problema é esse?

— O fato de que o homem com quem você quer me casar é famoso por perseguir saias leves.

Ele soprou.

— O mundo raramente é justo, Tabbie. Os homens são bestas; suas esposas simplesmente não sabem disso. Eu já te disse mais de uma vez, você é inteligente demais para o seu próprio bem. Eu sempre quis dizer isso.

Sua boca se abriu enquanto ela olhava para o pai com espanto.

— Papai, você não está se referindo a si mesmo? — Ela não o chamava assim há algum tempo, mas a conversa a tinha feito baixar a guarda.

— Claro que não estou. Estou simplesmente tentando dizer que, casamentos arranjados, é mais frequente do que você imagina. — Ele se aproximou. — Eu vi vocês dois na mesa ontem à noite. Ele entende você, Tabbie. Ele é bonito e bem conectado. Você poderia ter um muito pior.

Se sua boca pudesse ter baixado ainda mais, certamente teria caído. Mas era pouco atraente ficar ali boquiaberta, então ela fechou a porta. Estava na ponta da língua para insistir que ela poderia fazer muito melhor. Um homem que fosse fiel a ela. Mas argumentar não faria sentido, então ela fez um gesto para o pai a seguir. Suas entranhas protestavam por ter que sofrer mais dos sentimentos que ele parecia provocar. Não a excitação, mas o ciúme e a mágoa que ele causou.

— Por aqui. — Ela acenou com a mão e voltou para a biblioteca, rezando para que ela desse a Luke tempo suficiente para montar o ardil.

Ela andou devagar, um medo doentio fazendo suas pernas parecerem chumbo. Mesmo sabendo o que ela provavelmente veria, não explicava seus sentimentos de náusea. Ela iria testemunhar em primeira mão Luke tomando outra mulher. Os passos do pai dela combinavam com os dela.

— Sobre o que é isto? — Ele exigiu saber.

Convocando sua coragem, ela falou.

— Eu sei que os homens têm assuntos discretos. Quando você passa a maior parte das reuniões sociais encostada na parede, ouve muito. Mas há uma diferença entre ser discreto e flagrante. — Eles haviam chegado à porta da biblioteca. Fazia apenas quinze minutos e ela rezou para que eles estivessem prontos.

Ela gesticulou para o pai entrar. Ela não conseguiu abrir a porta quando seu estômago revirou dolorosamente.

Fazendo uma careta para ela, ele girou a maçaneta e entrou confiante no quarto.

— Sussex, — ela o ouviu resmungar.

— Sua Graça, — respondeu Luke. Não havia indício em suas vozes de que algo estava errado. O que era desconcertante. Tabbie aproximou-se mais da abertura como uma geleia, espiou pela porta da sala. Não havia sinal de Mary. Em vez disso, Sussex estava sentado atrás da mesa do seu pai, olhando várias folhas de papel. Lá no fundo, o alívio tomou conta dela. Foi rapidamente substituído por confusão.

Seu pai se voltou para ela.

— Qual o significado disso?

Sua boca se fechou e depois abriu e depois fechou novamente. Mas, por mais que tentasse, nenhuma resposta saiu. Ela não podia dizer que tinha combinado que Luke fosse pego com outra mulher.

— Eu pensei... isto é, quero dizer... eu assumi que... — ela gaguejou, incapaz de formular um pensamento. O que aconteceu com o plano deles?

— Lady Tabitha tem uma opinião bastante baixa de mim, Sua Graça. — Luke levantou uma sobrancelha, aparentemente completamente à vontade.

— Estou ciente, — respondeu seu pai secamente. — Por que você está na minha biblioteca e por que Tabbie sabe disso?

— Eu o segui. — Sua mente finalmente entrou em ação. Talvez ela pudesse salvar esse encontro depois de tudo. — Ele veio aqui com uma serva.

Luke olhou furioso para ela.

— Confesso que é verdade. Eu esperava roubar um copo do seu conhaque. Mas pensei melhor.

Seu pai cruzou os braços sobre o peito.

— Mas você achou por bem olhar para os meus papéis pessoais?

Luke olhou para baixo e Tabbie ficou tensa. Enquanto ela queria que Luke fosse pego com a serva para que seu pai acabasse com o noivado, ela não o queria em apuros por qualquer outra coisa.

— Os contratos de casamento. — Luke gesticulou para os papéis diante dele. — Me perdoe. Eles me envolvem tão intimamente que não pude resistir.

Até aquele momento, Tabbie estava entorpecida, perplexa. Talvez confusa. Mas a raiva passou por ela. Ele a tinha enganado enquanto ela tentava enganar o pai dela. Ela queria respostas. Mas nenhuma seria agora e assim, girando nos calcanhares, ela saiu da biblioteca.

CAPÍTULO 04

Luke atravessou o salão de baile, fazendo o seu terceiro círculo. Ele estava procurando por essa pequena atrevida, e tinha sido incapaz de encontrá-la.

Ele precisava falar com ela imediatamente. Várias coisas aconteceram inesperadamente esta noite. Por um lado, ele não podia colocar um dedo em Mary, não importa o quanto ele tentasse. Isso nunca aconteceu com ele antes.

Como se isso não fosse estranho o suficiente, ele leu o contrato de casamento e achou... agradável.

Um fungar foi o primeiro indício de que ele estava se aproximando, embora tivesse procedido com cautela no caso de não ser ela. Mas uma olhada através de uma samambaia do vaso confirmou que era sua Tabbie, sentada sozinha, se escondendo atrás de uma planta.

Ele deu um passo ao redor e seus olhos ergueram quando ela limpou as lágrimas. Sem perder um momento, ela se levantou.

— Você arruinou o plano.

— Eu sei. — Ele deu de ombros.

— Por quê? — Ela perguntou.

— Eu não tenho certeza. — Ele deu um pequeno sorriso. — Eu achei a ideia de tocá-la revoltante.

— Oh, — ela respondeu com os olhos arregalados. — Você a escolheu.

Ela parecia gloriosa ao luar que se filtrava através das janelas atrás dela. De dia, ela era deslumbrante, mas à noite ela era uma deusa da lua. Incapaz de se impedir, ele pegou a mão dela e puxou-a para si.

Ele manteve as costas para a multidão de pessoas, a planta bloqueando muito de seus corpos para que eles tivessem privacidade. Seu corpo se moldava ao dele da maneira mais gratificante.

— O problema que pareço estar tendo é que eu não quero tocar em ninguém além de você.

Era a verdade. Ele achou que suas palavras poderiam amolecê-la ainda mais, mas tiveram o efeito oposto. Ela endureceu e começou a se afastar.

— Você só me conhece há um dia. Dê-lhe tempo. Alguma outra senhora vai fazer sua fantasia.

Seus próprios olhos se estreitaram. Ele estava sentindo um temor, algo fervendo abaixo da superfície.

— Você está certa. Nós nos conhecemos apenas um dia. Talvez você não tenha ideia do que eu posso ou não fazer.

— Não, você está incorreto. Eu te vi em várias ocasiões antes de ontem. Eu sei exatamente o que você sabe fazer.

Isso fez a cabeça dele recuar.

— Você quer dizer que me viu em eventos sociais?

O rosto dela se encolheu de dor. Isso fez seu peito doer ao vê-la se machucar assim. Mas ele também sabia que não iria gostar do que ela estava prestes a dizer.

— Meu lorde, fomos apresentados três vezes, incluindo ontem.

Sua boca se abriu e ele olhou quando ela se afastou de seus braços, pressionando-se contra uma janela.

— As outras duas vezes, você estava muito ocupado com sua paixão atual, até mesmo para reconhecer minha presença. E enquanto estou lisonjeada por ter feito parte de sua lista, estou ciente de que seu interesse é passageiro. Dolorosamente assim.

Ela começou a se afastar, mas ele voltou a si e pegou a mão dela, puxando-a para trás da samambaia. Porque agora ele entendia todas aquelas referências a seus modos libertinos e a verdadeira razão pela qual ela era tão contra o casamento deles. Ele, inadvertidamente, a rejeitara.

Mas ele tinha uma decisão a tomar. Ele queria que ela soubesse que era diferente daquelas mulheres. Especial, porque ela era muito mais do que apenas atraente ou disponível. Ela era tudo que ele poderia querer em uma parceira. A questão era, ele queria uma parceira?

Enquanto ele olhava nos olhos dela, prateados pelo luar, ele sabia que sim. Ele a queria, sua deusa da lua, em sua cama todas as noites e ao seu lado todos os dias. Mas como convencê-la de que aquelas outras mulheres não tinham sentido em comparação com ela?

— Tabbie, — ele respirou quando a colocou de costas contra si mesmo. — Eu não vou programar com você como acabar com o nosso compromisso iminente por mais tempo.

Ela respirou assobiando e tentou se afastar do aperto dele, mas ele estava pronto para isso e a segurou rapidamente. Seus olhos lançaram punhais nele.

— Você não quer se casar comigo. Vai se cansar de mim em um mês e então eu vou ter que ver como você olha para Lady Ravenna.

— Eu quero casar com você. E não haverá Lady Ravenna. Nunca houve, a propósito, uma Lady Ravenna na minha vida. Eu te disse, eu tenho padrões. E embora ela fosse bem conhecida por seus encontros antes e depois do casamento, não toquei em mulheres solteiras em idade de se casar.

— Mas eu vi você, seus olhos estavam em cima dela. — A voz de Tabbie era aguda como se ela estivesse ficando desesperada.

— Eu estava tentando descobrir como me retirar delicadamente da situação que ela estava tentando me colocar. — Ele a olhou diretamente nos olhos, esperando que ela pudesse ver a verdade.

— Você vai me dizer que o mesmo é verdade com Lady Ashford? — Seu lábio se curvou quando ela se inclinou para longe dele, tanto quanto seu corpo permitiria.

Ele não ia permitir que ela colocasse tanta distância entre eles. Curvando-se, ele sussurrou suavemente em seu ouvido.

— Eu nunca neguei que eu era um libertino. O que eu preciso que você entenda é que existe uma diferença entre o que senti por Lady Ashford e o que sinto por você. Não há como confundir os dois.

Ela estremeceu em seus braços e ele a puxou para mais perto.

— Se eu acreditar em você, então é meu coração que estará em risco e uma vez que nos casarmos, não poderá ser desfeito. Mesmo que você parta meu coração, estaremos amarrados juntos.

Ele fez uma careta. Ela estava certa. Todo o risco era dela para suportar.

— Compreendo. Eu não estou pedindo para você se comprometer com o noivado. Na verdade, vou adiar o máximo que puder. Só peço que você não tente ativamente detê-lo para que eu tenha tempo de me provar digno de seu afeto.

A sentiu ainda tensa contra ele e depois relaxou, seu rosto se suavizando. Querendo beijá-la, ele resistiu, optando por roçar os lábios em sua testa e, em seguida, abaixou-se para tocar seu nariz no dela.

Sua respiração ficou presa.

— O que você quer dizer com provar meu afeto?

— Eu vou lhe mostrar que meus sentimentos são baseados em sua inteligência, charme e profundidade de caráter. Embora ajude você se parecer com uma deusa do luar.

— Deusa? — Ela gritou.

Luke sorriu. Porque enquanto estava tentando provar que ele não era um libertino, não faria mal algum usar um pouco do seu charme ladino. Havia tentado em muitas mulheres.

— Sem dúvida uma deusa, — ele sussurrou. — Mas o que vai me manter entretido ao longo da vida é a sua inegável capacidade de me manter na ponta dos pés.

Tabbie olhou para a profundidade de seus olhos, querendo desesperadamente acreditar nele. Esse era o homem que a procurara em mais de uma ocasião. Mas ele também a tinha visto de maneiras tão diferente que tão poucos viram. Seu corpo formigou ao seu toque.

— Eu quero acreditar em você, — ela sussurrou de volta. O que era uma admissão perigosa. Isso revelava o quanto ela se importava.

— Você participou do baile a noite toda? — Ele perguntou, sorrindo.

— Dificilmente. — Ela manteve os olhos em direção ao céu. — Eu odeio bailes.

— Eu também, — ele confessou com uma piscadela.

Ele não quis dizer isso. Bailes pareciam ser o caso que um libertino mais gostaria de participar.

— Você está mentindo.

— Eu já te disse. Eu evito damas de idade casável como a peste. Além disso, prefiro atividades mais calmas e íntimas. — Seus lábios roçaram nos dela. Era escandaloso. O formigamento se concentrou na parte baixa de seu ventre, na junção entre as pernas doendo.

— Mas vamos fazer uma aparição na pista de dança? Esta festa é para nós, afinal. As pessoas vão começar a se perguntar o que acontece.

— Talvez eles se perguntem sobre você, — sua voz era mais ofegante do que ela pretendia. — As pessoas raramente sentem minha falta.

Ele deu-lhe um sorriso.

— Tolos. — Seu sorriso se espalhou. — Mas a perda deles é o meu ganho. — E então ele estava puxando-a para a multidão de dançarinos.

Ela ofegou quando a mão dele chegou à sua cintura.

— Você não pode fazer isso.

— Oh, eu posso. — Ele piscou. — Eu vou preencher o seu cartão de dança depois.

— Você tem o seu braço em volta de mim como se já estivéssemos casados. — Sua voz estava ofegante quando eles entraram na multidão de dançarinos e ele a puxou para seus braços.

— Você vai ter que se acostumar. — Ele deu-lhe um sorriso diabólico. — Eu não sou de cerimônia.

Uma de suas sobrancelhas se levantou. Esse era o problema, não era?

— Estou ciente de que você gosta de fugir das regras.

Girando-a ao redor, ele se inclinou para mais perto do que era decente.

— Ainda preocupada com a minha fidelidade.

— Que mulher na minha posição não ficaria?

— Eu não me casei porque não queria um relacionamento monogâmico. Eu acredito na santidade do casamento. É uma base da nossa sociedade. Mas quando eu me casar, não vou quebrar meu juramento.

Ela mordeu o lábio. O que ela não tinha percebido em seus encontros anteriores com Luke era o quão inteligente ele era. Estava certa de que havia muita coisa que ela não sabia sobre ele. E enquanto

uma pequena voz gritava que ela ia se machucar, uma muito mais alta ficou emocionada com a perspectiva de aprofundar seu relacionamento com esse homem bonito e inteligente que estava dizendo tudo o que ela precisava ouvir.

Embora ela certamente não estivesse pronta para se comprometer com o casamento. Ele ainda era um libertino e ela faria bem em lembrar esse fato. Era só que ele confundiu seus pensamentos e a fez querer acreditar nele. Isso era tão perigoso.

Quando a dança terminou, ele colocou sua mão na dobra do braço dele e Tabbie sabia que ficaria em grande dificuldade por todo o tempo que passasse sem ir a um baile.

Luke fez uma demonstração de preencher um segundo set em seu cartão de dança e depois tentou escrever seu nome em um terceiro. Ela puxou o cartão para longe, depois percebeu como seu comportamento era pouco atraente. Que casal eles faziam. Se eles fossem um par, o que decididamente não eram.

Ele gesticulou para algumas cadeiras próximas.

— Eu sei como você está sem fôlego, minha lady. Se você quiser se sentar nesta próxima dança, ficarei feliz em atendê-la.

Ela reprimiu um sorriso e acenou com a cabeça. Ela não estava de todo sem fôlego, mas ele estava reivindicando outra dança para si mesmo à sua maneira.

Enquanto se moviam em direção às cadeiras, ela murmurou:

— Mantenha suas mãos para si mesmo.

— Não é esse o caso. — Ele sorriu de volta.

Ela se aqueceu com as palavras dele, porque tê-lo olhando para ela assim era como o sol brilhando sobre ela depois de um inverno longo e frio. Quanto tempo até o inverno retornar?

Ele era discreto, pelo menos. Ele manteve seus toques leves e não foi facilmente visto. Cada roce sutil fez sua pele pegar fogo novamente. Ela não suportaria muito. Ela esqueceria sua resolução e se jogaria em seus braços.

De pé, Tabbie tentou inventar uma desculpa, qualquer motivo para se juntar à mãe e ficar junto à parede. Suas emoções eram desordenadas, esta noite estava sendo mais agitada do que ela poderia ter imaginado.

Mas ele também se levantou.

— Onde você pensa que está indo?

Sua boca se abriu enquanto procurava por palavras.

— Aí está você, minha lady. — Lorde Crummell se aproximou a sua esquerda. — Nós não queremos perder o nosso set. — Ele estendeu o braço para ela.

Profundamente e baixo, um barulho não muito diferente de um grunhido retumbou na garganta de Luke. Ela viu os dedos dele flexionarem e ela deu uma olhada em seu cartão de dança.

— Ele perguntou no início da noite, antes da biblioteca.

Isso não parecia ainda mudar o humor de Luke, mas sim amplificá-lo.

— Diga a ele que você está cansada demais para dançar.

— Eu não vou dizer isso. Seria rude. — Ela ofegou e virou-se para Lorde Crummell.

Luke se inclinou para baixo.

— Você não quer me compartilhar, mas eu também não a compartilho. Você é minha agora, Tabbie. Só minha.

— Desde quando? — Ela soprou, ignorando Crummell.

— Desde a biblioteca. Eu tomei uma decisão e então...

Ela deu um passo para mais perto, a irritação borbulhando na superfície.

— Bem, eu não tenho certeza. Ainda estou decidindo. — Então ela se virou e foi até Crummell.

A dança estava em forte contraste com a que ela compartilhara com Luke por várias razões. Os movimentos de Lorde Crummell eram inseguros, hesitantes e os deixavam esbarrar uns nos outros da maneira mais embaraçosa. Ele não tinha a presença dominante que Luke tinha. Tabbie tentou ignorá-lo e se divertir, mas era difícil esquecer.

Como se isso não bastasse, Luke andou pela pista de dança, parecendo um grande animal observando sua presa.

E os outros convidados notaram seu comportamento. Seus olhos viajaram dela para ele, mãos enluvadas cobrindo suas bocas para sussurrar de um ao outro.

Isso a fez corar de constrangimento e... desejo. Ela o vira avaliar uma outra mulher, mas essas tinham sido discretas. Ela só notou porque ele a estava ignorando. Mas isso. Ninguém na sala poderia confundir o que ele queria. *Ela.*

Crummell, já mal-humorado, quase tropeçou nos próprios pés quando Luke se aproximou.

Ela estava liderando agora, e puxando Crummell pelos degraus, rezando para que a dança terminasse. Esta noite tinha deixado sua mente girando, e ela precisava desesperadamente de alguma solidão para resolver tudo. Ela sabia que não deveria permitir que Luke a afetasse, mas a presença dele, como sempre, estava sobrecarregando-a, fazendo-a esquecer o bom senso com o qual ela nasceu.

Parte dela queria desesperadamente acreditar que ele realmente se sentia diferente sobre ela, e que as mulheres ficaram em seu passado, mas como ela poderia confiar nisso tão cedo? Era uma tolice.

Felizmente, a música acabou e Crummell a devolveu ao lado de sua mãe. Mas ele quase não se curvou antes de Luke estar ao lado dela novamente, puxando-a para o salão.

Os olhos de sua mãe estavam arregalados quando Luke enfiou sua mão em seu cotovelo.

— Esta é a nossa dança, não é?

— Não é, — ela respondeu sem fôlego. — E você está fazendo isso de propósito.

— Tabbie, — ele se inclinou para falar perto de seu ouvido. — Vou confessar que sou um homem que sabe o que quer.

Ela fechou os olhos. Era tão tentador se deixar levar. Ela gostaria de permitir que ele a beijasse novamente até que se esquecesse até mesmo de seu próprio nome.

— Você é terrível.

Quando a dança terminou, Tabbie percebeu que eles haviam captado não apenas a atenção da maioria das pessoas da festa, mas também de seus pais. O duque e o marquês estavam na periferia dos dançarinos observando seus filhos com olhos atentos.

Quando eles passaram, seu pai encontrou os olhos de Luke.

— Veja-o logo de manhã.

Luke assentiu e a acompanhou de volta para a mãe.

— Não podemos dançar de novo, — ela sussurrou.

— Eu sei. Mas eu não vou estar longe.

CAPÍTULO 05

Luke cruzou os braços enquanto olhava por cima da mesa ao Duque. Seu pai estava sentado ao lado dele, o rosto do marquês em uma carranca. Luke ignorou o olhar. Ele estava acostumado com a desaprovação de seu pai.

O duque fez questão de ler alguns papéis, ignorando os homens à sua frente. Luke esperou, silencioso e imóvel. Ele não permitiria que nenhum dos dois o irritasse.

Finalmente o duque olhou para cima.

— Devo confessar que esta não era a conversa que eu esperava estar tendo.

Uma das sobrancelhas de Luke se elevou.

— Eu tenho receio de não entender.

— Eu pensei que você poderia dar à minha filha apenas uma quantidade superficial de atenção. Fingir interesse pelo bem da vontade do seu pai. — O duque fez uma pausa para lhe dar um olhar fixo.

— Eu não finjo nada, — ele respondeu uniformemente. O homem precisava ter mais fé nos encantos de sua filha.

— Sim, estou ciente. — O homem mais velho limpou a garganta. — Seu interesse era evidente para todas as pessoas presentes. O que agora estou preocupado é com suas intenções.

— Minha intenção é casar com ela. Não é por isso que estou aqui? — Ele ouviu a respiração ofegante de seu pai e viu Sua graça visivelmente relaxar. Ele relaxou também, apesar de manter o corpo imóvel, sem querer revelar nada.

— Fico feliz em ouvi-lo, com o seu interesse limitado pelo escandaloso. — Ele limpou a garganta. — Como está, acho que devemos anunciar o noivado rapidamente.

— Nada me faria mais feliz do que concordar. — Luke se inclinou para frente em sua cadeira. — Lady Tabitha sente alguma hesitação em relação à minha reputação anterior...

— Também estou ciente dos sentimentos da minha filha, — o duque interrompeu.

O pai de Luke limpou a garganta, mas felizmente ele permaneceu quieto e permitiu que seu filho continuasse.

— Eu disse a ela que lhe daria tempo para que eu pudesse provar a mim mesmo e a ela que mudarei.

— Isso é de pouca importância... — o duque começou a dizer.

— Sua Graça, — Luke interrompeu, o que era uma manobra arriscada. — Com todo o respeito, você é casado. Como sua esposa se sentiria fazendo promessas que você não cumpriria? Você sabe como ela é inteligente...

— É uma praga, na verdade. — O duque olhou para o teto.

Luke relaxou, sorrindo. Ele havia encontrado o argumento que convenceria o homem a lhe dar mais tempo. Se ao menos ele tivesse sido tão eficaz com a filha.

— Eu não posso falar sobre isso. Mas é improvável que Tabitha esqueça se eu falhar na minha primeira promessa, e eu preferia vê-la feliz em nosso casamento.

O pai de Tabbie o avaliou por alguns segundos a mais do que o necessário, mas um pequeno sorriso puxou um dos cantos dos lábios.

— Muito bom. Eu também preferiria ver minha filha feliz e assim lhe darei tempo. Mas mantenha suas atenções públicas apropriadas. Estaremos participando do baile de máscaras do Wilkinson na próxima

sexta-feira. Você vai se juntar a nós. — Seus olhos viajaram sobre o conde, a borda dura retornando. — Tricia está sendo apresentada nesta temporada. Eu gostaria que Tabbie se envolvesse nisso. Se não estiver bem para você, então... — O duque permitiu que suas palavras se apagassem.

Luke apertou e suprimiu o estrondo em seu peito. Tabbie seria dele, de mais ninguém. Mas ele não diria isso em voz alta agora. O homem que começou o Wicked Earls 'Club, o conde de Coventry, ensinou-lhe muito sobre quando falar e quando ficar quieto.

Essas habilidades permitiram que ele aumentasse substancialmente sua participação por meio de negociações bem-sucedidas. E usaria todas as habilidades que tinha para trazer Tabbie para ele.

Ele se levantou, apertando a mão do duque e saindo do escritório do homem. Era absurdo que dois dias antes ele não a conhecesse e que há três dias ele tivesse certeza de que nunca se casaria.

Encontrá-la tinha mudado seu foco de maneira que não achava possível. Inferno, ele mal tinha bebido, não tinha pensado em jogar, não queria nada com saias leves ou qualquer outra mulher. Sua vida estava em foco. Essa era a pessoa que ele queria ser.

Seu pai, logo atrás dele, estendeu a mão.

— Luke.

Luke diminuiu o passo para permitir que seu pai o alcançasse. Ele não tinha certeza se queria discutir isso agora.

— Preciso encontrar Lady Tabitha e me despedir antes de voltarmos a Londres.

— Você está realmente certo sobre esta dama? — Seu pai levantou as sobrancelhas.

Luke encolheu os ombros.

— Eu estou.

— Posso perguntar por que ela? Estou emocionado. É o que sua mãe e eu sempre quisemos. Eu só esperava que fosse mais difícil.

— Eu explicarei assim que puder formar as palavras apropriadas. Não é só o fato de ser ela que eu quero, é que ela traz partes de mim que eu pensava ter ido embora.

O olho de seu pai se iluminou de surpresa.

— Coventry estava certo.

Mas os próprios olhos de Luke se estreitaram.

— O quê?

— Eu não sei como vocês dois estão familiarizados, mas ele parece conhecê-lo bem o suficiente para sugerir que a filha do duque era uma combinação ideal para você.

Coventry estava envolvido? Ele precisava voltar para o clube e conversar com seu mentor.

Mas primeiro, ele precisava encontrar Tabbie.

Tabbie ficou olhando pela janela enquanto sua mãe continuava a falar.

— Quanto tempo você ficou se escondendo atrás daquela planta? É ridículo. Você deveria ter dançado a noite toda. Você é muito bonita, Tabbie. Se apenas... — Sua mãe continuou, mas Tabbie a ignorou.

Sua mãe estava tão ocupada que nem notou que Tabbie tinha saído para a biblioteca, nem sua mãe percebeu que Luke havia se juntado a ela atrás da planta. Não que ela pretendesse esclarecer a sua mãe, realmente.

Tampouco sua mãe sabia que Tabbie não estava ouvindo. Pelo menos até a mãe dela mencionar Luke.

— Suponho que você tenha conseguido capturar a atenção do conde de Sussex, embora seu interesse seja quase perturbador,

tamanha é a intensidade. Talvez eu devesse falar com seu pai. Sussex parte hoje e esse tipo de visita geralmente termina sem contrato. Não seria incomum...

Tabbie ficou de pé, interrompendo a mãe. Esta era a sua oportunidade. Se ela e sua mãe rejeitassem o ultraje de Luke, seu pai certamente desmoronaria.

— Se não for Sussex, então quem seria?

Sua mãe piscou para ela.

— Senhor Crummell, é claro. — Sua mãe lhe deu um sorriso gentil. — Ele é muito apaixonado por você e ao contrário de Sussex, ele é um homem gentil e apresentável.

Esta deveria ser uma excelente notícia, mas os cantos da boca voltaram-se para baixo. Pensamentos de se casar com Crummell a encheram de... medo sombrio. Enquanto ele parecia perfeitamente correto, era chato, não era afiado, e não era particularmente viril. Ele nunca a entenderia como Luke fazia. Nem Crummell inspiraria os mesmos sentimentos. Se ele beijasse do jeito que dançava, então a vida dela seria sem paixão.

Mas isso era melhor que a atual alternativa? Luke era excitante, inteligente e estimulante, mas provavelmente quebraria seu coração.

Sua mãe piscou para ela novamente, claramente esperando algum tipo de resposta.

— Perdoe-me, mamãe. Eu preciso pensar em tudo isso. Podemos discutir isso novamente mais tarde?

Sua mãe lhe deu um sorriso genuíno.

— Uma excelente ideia. Uma dama deve levar seu tempo analisando tais decisões. Fico feliz em vê-la exercendo alguma restrição feminina.

Seus olhos quase saltaram para fora do rosto com essas palavras. Restrição era a última coisa que ela praticava quando estava com Luke. Mas com um aceno de cabeça, ela saiu do quarto de sua mãe.

Ela precisava de silêncio para filtrar seus pensamentos em redemoinhos. Ela fez seu caminho para o seu próprio quarto. Entrando rapidamente, trancou a porta atrás dela, não desejando ser perturbada.

Sua respiração estava irregular quando ela encostou a testa na porta de madeira. Luke a assustava, mas Crummell poderia assustá-la mais. Não da mesma maneira. Ela provavelmente estaria entediada até a morte.

— O que há de errado? — Uma voz rica e profunda falou logo atrás dela.

Ela pulou e abriu os lábios para gritar, mas uma mão cobriu sua boca, outra serpenteava ao redor de sua cintura. A massa sólida de um homem pressionando as costas dela. Seu toque era gentil e ela o ouviu rir. Claro que era a voz de Luke. Quem mais pensaria em entrar em seu quarto sem ser convidado? Suas mãos vieram até as dele para afastá-las da boca.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu precisava falar com você antes de voltar para Londres, — ele murmurou, enquanto a mão roçava no pescoço dela para descansar em sua clavícula.

Seus nervos saltaram por uma razão completamente diferente. Ele estaria em Londres, sozinho, com todas aquelas lindas damas.

— Se você for pego aqui, não há como escapar do laço do casamento.

— Eu pensei que deixei claro que não queria fugir.

— E eu pensei que deixei claro que eu ainda estava decidindo e você deixou claro que me permitiria fazê-lo. — A irritação borbulhou dentro dela e se virou em seus braços para dizer-lhe isso.

Mas olhar para ele tornou a conversa produtiva tão difícil. Especialmente quando Luke baixou a cabeça para capturar seus lábios. Ela estava sem fôlego no momento em que ele a levantou novamente.

— Ninguém vai nos encontrar, amor. Eu prometo.

— O que você está fazendo aqui? — Ela repetiu.

— Eu pensei que já te disse. — Uma das sobrancelhas dele se moveu enquanto ele passava o polegar pelos lábios inchados.

— Obviamente, achei sua resposta insuficiente, — ela tentou soprar, mas saiu ofegante.

Ele procurou seus olhos, os seus próprios suaves e meigos.

— Como a confiança parece ser nosso maior obstáculo, temia que você se preocupasse com nossa separação. Eu queria assegurar-lhe, em particular, que não há necessidade de se preocupar. Não vou nem olhar para outra mulher até vê-la na sexta-feira.

Ela respirou fundo. Por mais que ela apreciasse suas palavras, elas fizeram pouco para reprimir seus medos reais e suas perguntas caíram.

— O que estará acontecendo sexta? E depois da sexta-feira? Como eu poderia saber que você cumpriu sua promessa?

Seus lábios cobriram os dela em um beijo ofegante que a fez esquecer o resto das questões borbulhando, o que era provavelmente sua intenção. Então ele lentamente levantou a cabeça.

— Sexta-feira é o baile de máscaras. Você estará presente e eu me certificarei de estar também. Só você pode decidir se pode confiar em

mim esta semana e nas semanas seguintes. Mas eu juro para você, Tabbie, se você escolher ser minha esposa, não haverá outra.

Lágrimas picaram em seus olhos quando ela olhou para ele. Ela queria acreditar nele, mais que tudo. Mas a semente da dúvida plantada não seria lavada.

— Eu quero acreditar... — ela sussurrou.

Ele a beijou pela terceira vez, pressionando-a contra a porta. Então seus lábios começaram a abrir caminho pelo pescoço dela, por cima da clavícula.

Ela estava tão focada na sensação de seus lábios que quase perdeu as mãos que se meteram em suas saias, de modo que elas subiram acima dos joelhos até as coxas.

Sua voz era rouca quando ele beijou o vale entre seus seios.

— Deixe-me mostrar-lhe o que mais posso lhe dar. — E então ele caiu de joelhos, sua cabeça desaparecendo sob as camadas de tecido.

— O que... o que... você está... fazendo? — Ela ofegou. Mas os dedos dele separaram sua roupa íntima, e deslizaram pela fenda do tecido, roçando suas dobras. Seus quadris se abalaram e seus joelhos começaram a se dobrar, mas ele usou seus ombros largos para sustentá-la. Acariciando-a mais profundamente, ela sentiu que ele a abria e quando a língua dele tocou seu lugar mais íntimo.

Ela perdeu a capacidade de pensar ou raciocinar com o prazer se construindo dentro dela. Sua língua a acariciou várias vezes até que ela mordeu o interior de sua bochecha para não gritar. Suas pernas se recusaram a apoiá-la inteiramente enquanto tremia e se apertavam com a necessidade construída por dentro.

Quando ele inseriu um dedo, profundamente em sua vagina, seu prazer se separou, enviando a seu corpo espasmos em êxtase.

Seu corpo continuou a tremer quando ele lentamente retirou a mão e puxou a cabeça para fora de debaixo de suas saias. Então ele a envolveu em seus braços e levou-a para a cama.

Sua cabeça estava frouxa no ombro dele.

— Eu não sabia, — era tudo o que ela podia murmurar.

Ela o sentiu sorrir quando ele pressionou seus lábios no topo de sua cabeça.

— Eu poderia te dar esse prazer todas as noites, amor.

— E quando você for embora? — Ela perguntou, preguiçosamente olhando para ele.

— Por que eu preciso ir embora? — Ele sorriu. — Vamos nos mudar para o campo. Contrate uma equipe de servos com mais de cinquenta anos.

Eles chegaram à cama e ela não pôde deixar de rir quando ele gentilmente a deitou.

— Isso é ridículo. Você sabe disso, não sabe? Você está tentando me convencer a casar.

— Não me esqueça esta semana, — ele beijou-a carinhosamente nos lábios. — Eu vou te ver na sexta-feira.

O baile de máscaras era na sexta-feira. Mas sua família estaria viajando para Londres na quarta-feira em preparação para a temporada. Ela não disse isso a ele, no entanto, porque um plano estava se formando em sua mente. Um esquema, a mãe dela chamaria. A espionagem era decididamente um esquema.

CAPÍTULO 06

A semana passou terrivelmente devagar.

Enquanto seu corpo parecia incrível, sua mente afiada sem a armadilha de bebidas alcoólicas, ele sentia falta de Tabbie.

Ela tinha o sabor mais doce do que qualquer mulher que ele já conheceu, e malditamente, ela estava tão apertada em torno de seu dedo.

E a reação dela. Sinos dos infernos, ela era devassa como seus cachos indisciplinados tinham sugerido, molhada e disposta e tão incrivelmente bela.

Ainda mais surpreendente era que seus sentimentos foram muito mais profundos do que isso. Foi sua sagacidade e sua bondade que o fizeram ansiar por sua companhia. Ele sonhava com ela à noite, pensar nela dificilmente deixava sua mente ao longo do dia. Ela havia roubado, não apenas o afeto dele, mas aparentemente todo pensamento dele.

Ele teve que rir. Uma pequena wallflower era a ruína de um libertino.

Não ajudara que Coventry estivesse viajando e Luke não seria capaz de falar com ele até quinta-feira. Ele queria saber que parte o outro homem tinha feito para que Tabbie entrasse em sua vida.

Finalmente, ele recebeu uma carta de Coventry para se juntar a ele no clube naquela noite. Luke fez uma careta. Ele sentiria falta do clube, pelo menos dos amigos dele. Ele ainda os veria claro, mas ele prometeu a Tabbie uma vida no campo e ele cumpriria. Além disso, ele ansiava por essa vida. Ele não tinha certeza quando isso aconteceu, mas em algum momento, ele se cansou deste estilo de vida. Tabbie o

levara a ver o que deveria ter percebido antes. Mas esta vida de plena vigília era muito mais gratificante.

Tendo se levantado cedo, já estivera em seu clube de boxe, trabalhara em seus livros de contabilidade, andava no parque. À medida que a tarde avançava, ele finalmente decidiu seguir para a Asher Street. Ele caminhava até o clube em uma rotatória que aliviaria parte de sua energia nervosa.

Não estava preocupado com o encontro com Coventry ou com o baile de máscaras. Na verdade, ele estava ansioso pelos dois eventos. Mas um pavor estava se formando em seu peito que ele não entendia muito bem. Tentando descobrir seus sentimentos, ele acelerou o ritmo enquanto contornava um parque próximo quando ouviu o que parecia ser um sopro de respiração feminina.

Parando, ele se virou para olhar, mas não viu nada. Talvez tenha sido um pássaro? Ele continuou andando, mas seu ritmo era mais lento e então parou para examinar algumas flores que estavam surgindo do chão. Olhando para trás, ele não viu nada, mas quando começou a andar novamente, o som distinto das saias de seda farfalhando chamou sua atenção. Uma mulher estava o seguindo?

Ele virou a esquina para o clube e subiu a rua Asher. Deve ser uma das senhoras que trabalhava dentro do clube. Ele simplesmente olhou para o lado errado e não a viu, sentiu sua presença passar. Ou talvez fosse uma dama que morava mais abaixo na rua Asher. Nenhuma mulher endinheirada seria tola o suficiente para viajar tão longe de Londres.

Com um encolher de ombros, ele inseriu a chave na fechadura e entrou. Quando ele fechou a porta, avistou uma mulher encapuzada. Não estava terrivelmente frio, a primavera aquecia o ar, por isso era

curioso que ela tivesse puxado o capuz para cima. Um único cacho ruivo flutuou na brisa, mas ela o colocou de volta e abaixou a cabeça.

Seus olhos se apertaram quando ele seguiu pelo corredor. O manto parecia ser feito de uma lã fina, o que era estranho para esse bairro. Talvez fosse uma das servas do clube. Elas frequentemente tinham admiradores entre os condes que lhes compravam presentes extravagantes. Mas ela teria ido à entrada dos fundos. Continuou com o enigma enquanto se virava para a direita, em direção ao escritório particular de Coventry dentro do prédio.

Ele bateu e Coventry convidou:

— Entre.

Abrindo a porta, sua mente ainda lutava com a identidade da dama da capa.

— Obrigado por me receber.

— Claro. Como você se saiu com Lady Tabitha?

— Você sabe muito bem como eu me saí. — Luke levantou uma sobancelha.

— Você sempre foi inteligente. — Coventry acenou com a cabeça quando ele deu um sorriso benigno. — Ela planejou seu caminho para chegar ao seu coração?

Então ele sabia sobre a tendência de Tabbie para conspirar. Ele sabia? Mil perguntas correram em sua mente. Como Coventry a conheceu? Como ele sabia que eles combinariam bem?

— Na verdade, ela tentou esquematizar para acabar com o nosso compromisso.

Os olhos de Coventry se iluminaram com apreciação e interesse quando ele se inclinou para frente em sua cadeira.

— Garota esperta, te afastando. Qual era o plano dela?

— Como você sabe que ela teria um plano? — Luke se inclinou para frente também. Coventry era como uma família para ele, mas era estranho que o homem soubesse muito sobre Tabbie. E, no entanto, ele nunca havia falado dela.

Coventry sentou-se então.

— Quando ela conseguiu abrir seu abrigo, apesar de uma grande discordância de um bom número de lordes, eu sabia que ela seria uma excelente combinação para um dos meus condes errantes. A questão era qual deles. Qual homem gostaria de uma garota com espírito e cérebro, e cabelos castanho-avermelhados para combinar com sua vivaz abordagem da vida?

Seu amigo e líder de Wicked Earls 'Club era um casamenteiro? Luke não conseguiu processar as palavras porque outro detalhe clicou em sua mente. Sua pequena intrigante com seu cabelo ruivo era ardente. Ela não teria feito um plano louco para segui-lo, até ao Wicked Earls Club para ver o que ele estava fazendo?

O medo fez seu coração gaguejar quando ele se levantou da cadeira, derrubando a pesada peça de mobília no chão.

— Pegue alguns homens e pistolas, — ele quase gritou quando ele correu para a porta e pelo corredor.

Droga... Luke havia desaparecido atrás de uma porta trancada. Ela ouviu o clique se encaixar no lugar. Ela o seguiu por quase um quilômetro, seus pés estavam positivamente doloridos. E foi por nada. Qualquer coisa poderia estar por trás dessa porta.

— Tabbie, acho que devemos ir para casa. — A voz de Tricia tremeu quando ela finalmente alcançou a irmã. Ela não era tão adepta de subterfúgios e ficou para trás para não as entregar. — Mamãe acha que estamos comprando fitas e não acho que é o melhor lugar para nós...

— Dê-me um momento, — Tabbie silenciou sua irmã. — Deve haver um caminho para dentro.

— Nós não podemos ir para dentro, — Tricia sibilou.

Tabbie deu um tapinha no braço dela.

— Não você, só eu. Você pode agir como vigia. — Olhando para a rua, ela notou um beco entre este prédio e o seguinte. — Talvez haja um caminho por trás.

De pé, ela sacudiu as saias e desceu para a calçada. Tricia sentou-se nos degraus, olhando desolada para o parque de onde tinham vindo. Claramente sua irmã queria voltar.

Tabbie estava prestes a castigar o senso de aventura de sua irmã quando notou três homens do outro lado da rua avaliando-as silenciosamente. Talvez ela tenha dispensado Tricia com muita facilidade.

Suas roupas estavam gastas, rostos sem barba, chapéus baixos. Nada sobre eles falava de respeitabilidade ou mesmo decência.

O canto da boca dela se transformou em uma carranca. Ela tinha vindo até aqui, odiava desistir agora, mas não parecia a melhor ideia percorrer um beco escuro com os rufiões observando.

— Talvez devêssemos voltar outra hora.

— Graças aos Santos, — Tricia exalou, dando-lhe um grande sorriso. Os olhos de Tabbie passaram por cima de Tricia. Aos dezesseis anos, ela estava se tornando uma mulher adorável, que era muito mais recatada do que sua irmã mais velha. Tricia acharia a caça do marido muito fácil. Mas em uma situação como essa, Tricia estava em maior risco. Ela não tinha uma língua afiada e bravata para se apoiar. Tabbie não deveria tê-la trazido aqui.

O movimento dos homens do outro lado da rua chamou sua atenção quando eles começaram a cruzar em direção a elas. Por uma

fração de segundo, ela se perguntou o que fazer. Socar na porta atrás dela ou fazer uma retirada apressada do jeito que ela veio. Seus olhos se fixaram nelas, eles estavam fechando a distância entre elas rapidamente.

— Bata na porta, — Tabbie sussurrou para Tricia.

— Nós não podemos fazer isso, nós o seguimos... — Tricia começou a dizer, mas ela parou quando se virou e avistou os rufiões. Recolhendo suas saias, Tricia subiu as escadas e começou a bater na porta.

Tabbie endireitou os ombros, sem saber como defenderia a irmã contra esses homens, mas sabia que tinha que tentar.

— Bem, você não é uma coisinha linda. — Um dos homens olhou para ela enquanto todos se aproximavam. Ele era alto e magro, sua roupa manchada.

Sua pele se arrepiou, mas ela levantou o queixo.

— Eu posso garantir-lhe, senhor, meu amigo estará se juntando a nós rapidamente. — Ela forçou sua voz a ser firme, apesar do medo se construindo dentro de seu peito.

O outro gargalhou. Seus ombros caíram um pouco, mas ela os levantou de volta. Tricia ainda estava batendo na porta.

— Claro que sim, — outro falou. — Mas, enquanto isso, vocês, damas, podem tirar suas joias e nos dar suas bolsas.

O homem malicioso deixou seus olhos vagarem por ela.

— E talvez continuemos essa conversa mais privada, no beco.

Tabbie não conseguiu se conter e recuou. Seus calcanhares esbarraram na grade de ferro forjado na frente do prédio.

— Nunca, — ela tentou dizer com confiança, mas saiu como um sussurro. Seus dedos chegaram à base do pescoço dela. Isso não ia acabar bem.

O que estava com um olhar malicioso agarrou seu braço, enquanto outro tentou arrancar sua bolsa do punho cerrado.

— Agarre a outra, — ordenou o homem que segurava seu braço enquanto lhe dava um puxão firme.

— Não, — ela ofegou, puxando para trás, ainda segurando firme a sua bolsa.

Ele se inclinou, sua respiração tão suja quanto as manchas em sua camisa. Seus lábios se curvaram em um sorriso malicioso que a deixou com mais medo do que quando ele a agarrou.

— Oh, nós vamos ter bo...

Suas palavras pararam abruptamente quando um punho bateu em seus dentes. De repente, ela estava girando em torno de um grande corpo, com as mãos firmes levantando-a no ar. Ela caiu na escada, ainda de pé, enquanto Luke deu mais dois socos, derrubando outro homem no chão.

Tabbie piscou, tentando entender sua súbita mudança de sorte quando o homem que estivera tentando tirar a bolsa, puxou uma faca da cintura e acenou para Luke.

— Isso é o suficiente para você. — Ele deu a Luke um olhar duro.

— Eu discordo, — um homem falou atrás dela, sua voz tão dura quanto a pedra que tinha ela e Tricia, ele pulou no ar e avançou. Novo medo escorria pelas costas de Tabbie. Quem mais se juntava a este zoológico?

Ele deu um breve aceno ao reconhecê-la. Um homem de aparência madura, impecavelmente vestido, se aproximou dela, segurando duas pistolas. Ela reconheceu o Conde de Coventry imediatamente.

— Mande um homem coletar os agentes de Bow Street Runners. Vocês podem muito em breve darem um passeio, senhores.

Dois outros homens saíram pela porta, Lorde Gracon e outro. Pela primeira vez desde que isso começou, um rubor aqueceu suas bochechas. Ela estaria arruinada por isso. Como se lesse seus pensamentos, o idoso cavalheiro se virou para Luke.

— Leve as damas para casa. Não vamos falar disso com ninguém.

Agarrando o braço dela, Luke a guiou e a Tricia para o infame beco onde uma carruagem autônoma esperava. Luke abriu a porta e ela e sua irmã entraram.

— Onde você deixou sua carruagem?

— Na loja de fitas na Regent Street, — ela resmungou, com a voz embargada.

Ele deu um breve aceno e depois subiu no banco do cocheiro.

— Luke? — Sua voz estava desesperada. Ela cometera um erro terrível e teria que responder por isso.

Ele deu-lhe um olhar duro, seu habitual comportamento suave se fora.

— O que é, Tabbie?

Ele usara o nome dela pelo menos.

— Eu sinto muito.

Seu rosto se suavizou e ele a puxou contra seu peito, sua bochecha pressionada contra o cabelo dela.

— Você me assustou.

— Eu sei. Foi uma coisa tola e boba de se fazer.

— Nós conversaremos sobre isso depois. Agora, irei levá-la para casa. — E então ele se afastou e a fez entrar na carruagem. Ela sentia falta do calor dele. Mais do que tudo, ela queria se pressionar perto dele, onde estava quente e seguro.

Tricia sentou no assento em frente a ela, os olhos tão arregalados quanto pires.

— Ele nos salvou.

— Eu sinto muito por tê-la te colocado nessa situação. — Tabbie olhou para sua irmã, que então se lançou através da carruagem e em seus braços.

— Está tudo bem. Compreendo. Eu sei que está tentando descobrir se ele é o homem certo para você, mas depois de tudo isso, não acha que vai se casar com ele?

Ela respirou fundo, depois que colocou sua irmã nisso, ela devia a Tricia a maior parte da verdade que uma garota de dezesseis anos poderia ouvir.

— Parte de mim quer. Ele é tão bonito e corajoso. Quando ele olha para mim, é como o sol brilhando sobre mim. — Tabbie respirou fundo. — Mas eu estou com medo, e se depois que eu me entregar a ele, ele se cansar dessa pequena wallflower, e voltar suas atenções para outro lugar.

Sua irmã deu um tapinha no braço dela.

— Eu sei que você está com medo. Mas não saberá com certeza até se entregar a ele.

Ela piscou três vezes.

— O quê?

— Você tem que dar-lhe o seu coração para saber se ele vai levá-lo e mantê-lo perto do seu. — Tricia sorriu para ela.

Tabbie assentiu. Por um momento, ela pensou que sua irmã a havia aconselhado a dar a Luke sua castidade. O problema de simplesmente entregar seu coração era que eles se casariam quando ela entendesse se ele realmente queria mantê-lo.

Mas se ela lhe desse a sua inocência... Bem, ela teria a chance de ver se depois que eles fossem íntimos, ele viraria o olho para outra mulher.

Sua perna se contraiu sob o vestido. Era tão arriscado. Se descoberto, eles se casariam. Seu pai não permitiria que ela fosse arruinada.

Ela abaixou a voz da discordância que lhe disse que estava usando isso como uma desculpa para estar com ele sem esperar pelo casamento. Ele a fez sentir coisas que nenhum outro homem tinha feito antes.

Mas não seria melhor saber se ele procuraria outra mulher antes de se amarrar a ele para sempre?

CAPÍTULO 07

Os nervos vibraram em sua barriga quando ela fez seu caminho em direção à pista de dança. Sua mão trêmula se estendeu para ajustar a máscara de dominó no rosto pela centésima vez na última meia hora.

Luke estava atrasado. Mas, em vez de irritação, um pequeno sorriso tocou seus lábios. Era uma característica que ela achava mais cativante do que irritante, uma pequena janela para quem ele era. Um homem que raramente seguia as convenções sociais.

Mas mesmo assim, ela odiava esses eventos e seria muito mais suportável ao lado dele... em seus braços.

Uma mão lhe roçou as costas e ela se virou sorrindo, esperando ver Luke, mas não era ele. O marquês de Crummell estava avaliando-a.

— Minha lady, — ele sorriu de volta, sem perceber que não era um sorriso para ele. — Devo confessar, sua saudação enche meu coração de alegria.

Ela reprimiu um suspiro. Ela não poderia dizer a ele que não tinha sido para ele.

— Estou feliz, meu lorde. — Ela deu um meio passo. — Se você me der licença.

Ele pegou a mão dela.

— Eu gostaria de pedir uma dança, se puder.

Com um sorriso apertado, ela ofereceu seu cartão e ele colocou seu nome não em um, mas em dois lugares.

Droga. Isso limitaria seu tempo com Luke. Sua oportunidade de fugir com ele e permitir que...

Seus pensamentos terminaram porque ele estava lá, atrás dela. Ela o sentiu ao invés de vê-lo, mas sabia que era Luke pela maneira como seu corpo se apertava, preenchendo com uma tensão que ela não podia nomear.

Seu hálito quente soprou em seu pescoço exposto. Arrepios subiram em seus braços e ela desejou se derreter contra ele. Mas simplesmente não era apropriado. Não que o que ela planejou fosse apropriado.

Sem uma palavra, ele pegou seu cartão de dança e escreveu seu nome para três danças, todas seguidas. Crummell balbuciou. Era escandaloso. Sem um compromisso formal, não era feito.

Enquanto Crummell se colocava para o próximo set, ele ofereceu-lhe o cotovelo.

— Posso sentar com você enquanto esperamos?

Seus olhos dispararam para Luke. Ele a observava com uma atenção inabalável, seus olhos escuros fumegantes. Ela tinha muito a dizer para ele. Quanto mais tempo ela pensava sobre os eventos do dia anterior, mais ela queria se jogar em seus braços. Ele a salvou e a sua irmã. Ela queria se desculpar por ser tão idiota, beijar cada centímetro de seu rosto como um agradecimento, e depois pedir-lhe para tocá-la... em todos os lugares. Céu misericordioso, ela deveria estar testando sua resolução. Ele faria amor com ela e depois a deixaria? Ela não tinha certeza se se importava. Ele tinha o coração dela agora. Mesmo se ele a rejeitasse, ela iria poder pegar de volta?

Ela começou a perceber que não, e seus olhos se arregalaram. Ela estava apaixonada por ele.

Ele se aproximou, bloqueando Crummell.

— Responda o homem. Ele pediu para se sentar com você. — A intensidade ainda estava aquecendo seu olhar, mas um pequeno sorriso brincou em seus lábios.

— Oh, peço desculpas. Eu estava distraída e eu... — Sua voz sumiu. O que ela ia dizer? *Eu estava distraída com o olhar aquecido do outro homem com quem estávamos falando? Eu só percebi o que era luxúria com ele? Eu estou, de fato, apaixonada por ele?*

— Ela não quer se sentar com você, Crummell. — Os olhos de Luke nunca deixaram os dela.

Crummell se endireitou. Ela só sabia que era verdade, porque o topo de sua cabeça espiava por cima do ombro de Luke.

— Vou relatar seu comportamento ao pai dela, milorde. É indecente. Você terá que responder por isso e...

— Ela vai ser minha esposa. — Luke se virou para o outro homem, mas ela pegou seu olhar se endurecendo. — Não se preocupe em coletar suas danças.

— Isso é um absurdo. — Crummell balbuciou, mas ela o viu se encolher. — O duque certamente ouvirá sobre isso.

Tabbie reprimiu um sorriso. Ela teria gostado de ter dito a Crummell para ir embora, mas uma mulher não poderia ser tão abertamente confrontadora. Crummell se afastou e ela se aproximou de Luke, sua bochecha mal roçando sua manga.

Ele se voltou para ela, sua expressão suave.

— Precisamos discutir algumas coisas.

Seu interior sacudiu e seus ombros se curvaram.

— Nós precisamos, — ela murmurou.

Eles começaram contornando a multidão, movendo-se para um local mais privado. Levou vários minutos e o medo cresceu dentro dela enquanto se arrastava atrás dele. Uma vez que o espaço se abriu, ele

parou de se mover e torceu o cotovelo em direção a ela para que ela pudesse passar a mão por ele. A sensação de seu calor e força através de suas roupas acalmou seus medos.

O que ela temia? Ele acabara de declarar que se casariam. Ela estava com medo de perder sua virgindade? Não, a perspectiva a encheu de excitação. Seus sentimentos? Com cada momento que passava, ela ficava menos preocupada que ele iria machucá-la emocionalmente, embora ainda algo a incomodasse.

Ela ainda seguiria com seu plano. Porque era o melhor. Isso realmente lhe deu a oportunidade de descobrir se seu futuro marido perderia o interesse depois da intimidade. O fato dela não ter que esperar pelo toque dele era um benefício adicional.

Então, o que a fazia tremer tanto? Então ela soube. Se o pai dela descobrisse, ele a trancaria em uma torre até que ela estivesse velha demais para se casar.

— No que você está pensando? — Os olhos de Luke estavam procurando em seu rosto enquanto se aproximavam das portas do terraço.

Tudo rodou em sua cabeça, ela não sabia bem por onde começar.

— Ontem eu fui tão tola.

Mas ele apenas piscou enquanto a passava pelas portas, inconsciente da completa falta de decoro em levá-la para fora sem acompanhante. Pelo menos o espaço estava cheio de outros convidados.

— Tabbie, não é a última vez que vou ter que tirá-la de alguma confusão em que você se meteu, suspeito. Faz parte do que a faz interessante.

— Eu não quero causar problema. — Ela mordeu o lábio enquanto avaliava seu perfil ao lado dela.

— Mas de alguma forma, você sempre fará. — Não era a voz dele que respondia, era do pai dela. Ele tinha se esgueirado ao lado deles sem que ela percebesse.

Um tremor passou por ela. Não era que o pai dela fosse um vilão, ou até mesmo pouco espirituoso. Era que ele segurava o futuro dela em suas mãos e ela estava quase impotente para redirecioná-lo. Como duque, ele esperava ser obedecido.

— Papai. — Ela soltou a mão do braço de Luke e se virou para seu pai. O medo a fez tremer. Luke se virou também e, segurando sua outra mão, colocou-a no cotovelo. O gesto não foi perdido por seu pai. Seus olhos se estreitaram quando ele avaliou Luke.

— Eu lhe disse para agir com decoro.

— O terraço tem suficientemente acompanhantes, — Luke respondeu baixinho.

— Você se recusou a permitir que outro homem dançasse com ela, — seu pai disparou de volta.

Os próprios olhos de Luke se estreitaram antes que ele respondesse.

— Ele pretendia conquistar o seu afeto.

Seu pai suspirou profundamente.

— E qual a probabilidade disso sem a minha intervenção?

— Você pretende intervir? — Luke ficou tenso sob a mão dela.

Seu pai deu um passo mais perto.

— Ele é um marquês.

Luke deu de ombros para isso.

— Eu também tenho um título.

Sua mente, uma confusão de pensamentos repentinamente se aguçou. Seu pai estava considerando Crummell. O que ele precisava era de uma razão para não considerar o outro homem, para favorecer

Luke. A questão do título caía em favor de Crummell, mas ocorreu-lhe que, se seu pai pensasse que Luke a havia arruinado, ele não teria escolha a não ser casar ela e Luke e dispensar Crummell para sempre.

— Você deliberadamente desobedeceu-me. — Seus olhos perfuraram Luke.

— Papai, — ela interrompeu. — Nós temos sentimentos.

— Não seja tola. — O lábio de seu pai se curvou. — Alguém poderia pensar que sua inteligência lhe dotou com um pouco mais de sentido.

Todo o medo que ela estava sentindo floresceu em uma raiva ardente. Seu pai nunca lhe deu crédito. Ele sempre esperava que ela agisse como sua mãe, mas ela não era como sua mãe.

— Você está certo. Eu sou uma tola terrível que permitiu que um libertino conhecido me cortejasse. Oh, espere... foi você. — Sua mão se apertou ao redor do cotovelo de Luke.

— Tabbie, você vai manter sua língua doce e vai me obedecer.

— É tarde demais, papai. Eu permiti que Luke...

— Tabbie. — Foi a voz forte de Luke que parou suas palavras. — Crummell está esperando por sua dança.

Ela piscou em completa confusão. Ele se virou para olhá-la e deu-lhe uma pequena piscada do lado que o pai não podia ver. Era toda a garantia que ela precisava e com um aceno de cabeça, ela saiu do lado dele, deu a volta ao lado do pai e voltou para a música. Acima de tudo, ela confiava em Luke com o coração e com o seu futuro.

Luke olhou para o homem à sua frente. Era hora de trazer Tabbie para ele e deixar de permitir que seu pai tivesse o controle.

— Como você conseguiu que Tabbie lhe obedecesse tão facilmente? — Os olhos de Sua Graça seguiram sua filha através das portas.

— Ela sabe que eu só quero o que é melhor para ela. — Os braços de Luke se cruzaram em silenciosa acusação.

— Suas manifestações públicas de impropriedade são melhores para ela? Estou considerando Lorde Crummell apenas para salvar sua reputação.

— Você está considerando Lorde Crummell para que possa continuar a exercer controle sobre os dois. — As mãos de Luke cerraram em punhos contra o peito.

O rosto do outro homem se contraiu.

— Você está tentando me colocar contra ele? Esse é um argumento excelente. Agora, o que Tabbie estava prestes a dizer?

Luke sentiu um músculo na mandíbula pulsar. Ele tinha que proceder com muito cuidado.

— Ela estava sendo Tabbie. Impulsiva e propensa a dizer o que quer que ela pensasse que resultaria em nosso casamento.

Sua Graça se aproximou.

— Ou você é um ladino que comprometeu minha filha.

Luke avaliou o homem na frente dele.

— Eu fiz como você pediu.

Ele deu um aceno de cabeça.

— Excelente. — Sua Graça lhe deu um sorriso frio. — Então ainda há tempo para considerar outros pretendentes.

Outro homem poderia ter implorado, rastejado ou até mesmo dado um soco. Mas Luke não era nenhum desses homens. Em vez disso, ele deu a Sua Graça uma pequena saudação.

— Faça o que achar melhor. — Então ele seguiu Tabbie de volta para o baile.

Porque um esquema era exatamente o que essa situação exigia.

Seu mundo pareceu desacelerar, enquanto observava Crummell tentar girá-la no chão de mármore polido. Aquele homem não merecia uma mulher como Tabbie. Era risível.

Quando o set chegou ao fim, ele os interceptou no caminho para devolver Tabbie à mãe dela. Ele não disse uma palavra, enquanto estendia o braço para ela e, ela enfiou a mão enluvada na dobra do cotovelo dele.

Eles se posicionaram no chão e começaram a deslizar sem esforço enquanto os sons de uma valsa enchiam a sala.

— Como foi com o meu pai? — Ela perguntou enquanto a mão dele segurava sua cintura.

Ele sacudiu a cabeça e depois contou a ela sobre a conversa que havia acontecido.

— Eu prometi a você tempo para decidir, meu amor. Eu sinto muito em tirar isso de você agora.

— Você não, meu pai sim. — Seus olhos brilharam para ele, na luz fraca. Sua deusa da lua, parecendo ainda mais misteriosa em sua máscara.

Ele desejou poder beijá-la. Em vez disso, ele perguntou:

— Você decidiu se prefere o meu termo ou o de outro?

Seu corpo roçou o dele.

— Você é minha escolha. Meu coração é seu.

Fogo do inferno e condenação, ele queria levá-la deste salão e beijá-la até que ambos ficassem sem fôlego. Mas, em vez disso, ele pressionou os lábios no ouvido dela.

— Então devemos formar um plano.

CAPÍTULO 08

Enquanto Tabbie tinha tentado convencer Luke simplesmente a arruiná-la, no final, eles decidiram fugir. Tinha uma certa beleza poética, no que dizia respeito ao esquema, e ele poderia arruiná-la completamente durante a viagem a Gretna Green.

A parte bastante surpreendente foi que foi decidido saírem naquela mesma noite. Então, ali estava ela sentada em sua cama com seu manto de montaria e roupas resistentes de viagem, um saco de itens necessários e bugigangas às duas e meia da manhã.

Que era a hora que ele deveria chegar, mas ela se acomodou para esperar. Luke provavelmente estaria atrasado.

A surpresa ondulou através dela quando sua janela se abriu e sua cabeça apareceu. Com braços fortes, ele passou pela abertura e aterrissou com um baque suave no carpete.

— Você está na hora, — ela riu, surpresa.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Você está dizendo que eu normalmente estou atrasado?

— Sempre. — De pé, ela atravessou a sala e colocou os braços ao redor de sua cintura. — Estamos realmente fugindo?

Ele assentiu e então capturou seus lábios com os dele.

— Eu simplesmente não posso dormir outra noite sem a minha deusa da lua. — Seus lábios capturaram os dela novamente. — Além disso, isso nos dá o elemento surpresa. Se esperarmos, seu pai terá tempo para ficar desconfiado.

Ela deu um aceno de cabeça, seu corpo inteiro formigando de excitação e desejo. Ela amava um bom esquema e, de alguma forma, parecia amplificar sua paixão por Luke.

— Vamos descer pela janela?

— E arriscar quebrar esse lindo pescoço? — Ele arrastou beijos para baixo de seu pescoço. — Não, eu tenho uma carruagem esperando em um beco aqui perto. Nós vamos sair pela porta dos fundos.

Ela revirou os olhos em protesto fingido.

— Como é maçante.

— Eu poderia colocar calções em você e então poderia sair. Acho que gostaria de ver isso. — Seu sussurro rouco só a fez estremecer de desejo.

— Vamos lá. Antes de sermos pegos. — Ela puxou a mão dele, em direção à porta do quarto.

Ele puxou o trinco suavemente, mas a porta se recusou a se mover. Voltando-se para ela, ambas as sobranceiras se moveram em direção a sua linha do cabelo.

— Aparentemente, seu pai já está desconfiado.

Os lábios de Tabbie se torceram em uma carranca. Ela deveria saber que seu pai teria suspeitado, mas ainda era irritante.

— O que fazemos agora?

Mas em vez de responder, Luke a pegou e a jogou facilmente por cima do ombro.

— Fique parada e feche os olhos. — E então ele estava atravessando o quarto em direção à janela.

— Luke, — ela ofegou apertando as costas de sua camisa. — Você não vai realmente... — Mas ela parou quando ele começou a subir pela janela. Um olhar para o chão deu seu segundo ponto de vista da história, empoleirada de cabeça para baixo no ombro de Luke, e ela fez

o que ele disse e fechou os olhos enquanto sua respiração saía em ofegos irregulares.

Ele fez um trabalho rápido da treliça e pousou os dois no chão.

— Não se mova, — ele ordenou enquanto subia na treliça e reapareceu com o saco de viagem.

Balançando a cabeça, ela soprou quando ele caiu ao lado dela.

— Você está tentando me matar.

Puxando-a para perto, ele capturou seus lábios novamente, deixando-a sem fôlego por uma razão completamente diferente. Quando ele lentamente puxou de volta seus lábios, ele tocou seu nariz no dela.

— Foi você quem disse que sair pela porta era aborrecido.

Rindo, suas entranhas brilhavam de felicidade, enquanto ele a puxava pela rua e para o beco.

— Você conseguiu garantir uma passagem? — Ela sussurrou na noite tranquila, dentro da carruagem.

— Sim, em um lindo navio. Eu acho que você estava certa, essa é a melhor maneira de viajar. Seu pai começará a checar imediatamente todas as estações de carruagens populares de correios e diligências.

Seu interior vibrou, não de excitação, mas de medo.

— Meu pai pode muito bem me renegar. Eu provavelmente não terei dote.

— Não me incomoda seu dote se está tudo bem para você. — Ele a beijou longamente e devagar.

Assentindo, ela descansou sua testa contra a dele.

— É estranho cortar os laços com minha família. Estou colocando minha vida completamente em suas mãos, Luke.

Seus dedos entrelaçados com os dela.

— Eu sei que você teve suas reservas. Eu não posso te dizer o quanto sua confiança em mim significa. Eu te amo, Tabbie. Eu nunca vou te machucar.

— Obrigada, — sua voz estava rouca como se estivesse segurando as lágrimas. Ela não estava, disse a si mesma quando limpou uma pequena gota de água em sua bochecha. — Eu também te amo.

— Quando voltarmos, vou criar uma conta de valores para você. Se por algum motivo você estiver insatisfeita, poderá viver confortavelmente sozinha. Eu sei que isso não substitui sua família, mas lhe dá alguma medida de independência.

Seu coração quase parou em seu peito. Ela nunca teria pedido tal presente. Enquanto seu coração ainda doía com a perda de sua família, era muito mais fácil confiar, sabendo que ele lhe dera uma alternativa.

— Oh Luke, — suas palavras falharam e então ela usou seus lábios para expressar seu sentimento, pressionando-os nos dele.

O beijo se aprofundou, alongou até que sua cabeça estava tão confusa que ela não conseguia pensar em mais nada além dele. Seus corpos foram pressionados juntos e, mesmo sem perceber o que estava acontecendo, ela se viu sentada de lado no colo dele, seu traseiro embalado entre as pernas, a pressão dura dele contra sua carne macia.

— Luke, — ela ofegou, querendo mais, querendo tudo dele.

Ele não respondeu quando a carruagem parou abruptamente. Pagando o cocheiro, ele trouxe-a para fora e, segurando a mão dela, eles desceram as docas em direção a um grupo de navios.

Um grande navio se separou e ela sorriu quando Luke os impulsionou em direção a ele. O nome *Destino* estampado ao seu lado.

— Você não escolheu este navio pelo o nome, não é?

Ele deu uma piscada para ela.

— Eu envio uma quantidade razoável de carga para a Escócia nele. Eu trabalho com o capitão frequentemente.

Eles fizeram o seu caminho até a prancha e, em seguida, foram levados para os aposentos do capitão, onde uma mesa de comida já estava preparado para eles.

Ela se virou para Luke.

— O que é tudo isso?

— Eu disse a eles que nos casamos recentemente e vamos visitar sua família na Escócia. — Luke colocou um figo em sua boca, enquanto seus olhos devoravam-na.

Ela corou até as raízes.

— Quanto tempo a viagem levará? — Alguns de seus desejos esfriaram, substituídos por pequenas ninharias de medo. Ela já tinha passado de qualquer redenção com sua família e talvez com a sociedade, mas aqui, sozinha com ele, isso parecia o momento que mudaria tudo.

Seus olhos nunca deixaram os dela quando ele chegou mais perto e puxou-a para si.

— Três ou quatro dias. Semelhante à jornada terrestre e esperamos que seja menos cansativo.

— Para onde iremos depois do casamento? — Ela engoliu o nó na garganta.

Seus lábios roçaram sua têmpora.

— Para minha propriedade rural em Norfolk, embora eu não tenha estado lá há algum tempo. Pode ser um pouco... rústico no começo. Terá que ter pessoal e...

— Tenho certeza que vai ficar tudo bem. — O nervosismo agarrou sua barriga. — Podemos voltar a Londres se você preferir. Eu... — Mas a ideia de voltar a Londres fez seu coração bater descontroladamente.

— Não, meu amor, — ele sussurrou perto de seu ouvido. Seus braços se envolveram ao redor dela, segurando-a com força. O medo que estava construindo foi substituído por uma emoção de outro tipo... desejo. Ela reconhecia agora. — Vamos passar algum tempo só nós dois. Construir sua confiança — ele murmurou enquanto seus lábios roçavam sua bochecha. — O que me leva ao próximo ponto. Vai ser difícil, já que estamos dividindo um quarto, mas quero esperar para sermos íntimos até depois de nos casarmos.

Seu estômago quase caiu no chão quando a cabeça dela recuou.

— O quê?

Ele deu uma risada baixa.

— Soa horrível, eu sei. Mas este é um novo começo para mim e eu quero fazer isso corretamente.

Ela deu-lhe um olhar de lado, um pequeno sorriso brincando em seus lábios. Ele estava protegendo-a, dando-lhe o melhor de si e ela apreciava mais do que ela poderia dizer. Mas seu medo se foi e, em seu rastro, havia uma necessidade crescente de estar perto dele.

— Eu sou a única mulher que você não vai praticar seu charme malandro?

Foi a sua vez de parecer atordoado. Então, com uma enxurrada de fitas e tecido, seu manto estava solto e os botões de seu vestido estavam sendo desfeitos.

— Só porque eu não tomo sua virgindade, não significa que eu não possa agir como um ladino.

Quando o vestido dela escorregou de seus ombros, seus lábios seguiram um rastro atrás deles. Quando ele chegou ao topo de sua camisa, seus dedos chegaram aos laços de seu espartilho e, em instantes, a peça aberta caiu ao chão. Vagamente, ela pensou que sua

serva pessoal estaria com ciúmes da destreza com a qual ele retirou as peças.

Mas todo o pensamento a deixou quando as mãos dele chegaram aos seios dela, segurando-os, o polegar roçando os mamilos.

— Oh, — ela ofegou quando sua boca caiu para sugar a carne ainda coberta pela camisa.

A camisa passou por sua cabeça e ele fez um rápido trabalho com o resto de suas roupas. Ela nem estava ciente de que eles estavam se movendo até que suas pernas roçaram as laterais da cama. Tirando a própria jaqueta e camisa, ele a deitou. Os lábios dele mais uma vez beijando-a, fazendo uma trilha em seu corpo que a deixou em chamas de calor. Ela choramingou e se contorceu, seu corpo querendo mais dele, tocando-a, querendo mais contato dentro, mais profundo e mais forte.

Seus dedos agarraram seus quadris e, em seguida, um deles flutuou para a parte interna da coxa, alcançando e roçando suas dobras. Seus quadris resistiram, enquanto sua boca continuava a beijar mais abaixo.

Cravando os dedos em seus largos e duros ombros, ela tentou pensar, tentou descobrir por que eles não podiam ser mais íntimos quanto poderiam ser, quando seus lábios a beijavam entre a junção de suas pernas. Um gemido escapou dela e seus dedos cravaram em seu cabelo quando ele trouxe o seu prazer mais forte, até que ela mal podia suportar outro momento e então se quebrou. Ela chorou seu nome, seu corpo estremecendo contra ele.

Uma de suas mãos ainda segurava seu quadril e ele pressionou beijos ao longo de sua coxa. Sua voz estava rouca enquanto ele murmurava.

— Isso é melhor, meu amor?

— Mmmh, — ela murmurou. Seus olhos fechados. O sol estava começando a se levantar e ela acariciou seus cabelos. — Tão bom.

Ele beijou-a em seu caminho de volta pelo corpo dela, enquanto ria. Ela se afundou no colchão, uma visão de estar ao lado dele enquanto dormiam juntos.

— Estou feliz.

Quando ele se moveu para apimentar seu seio com beijos, ela sentiu a pressão dura de sua masculinidade contra sua perna. Foi quando percebeu, que ela encontrou a liberação, mas ele não tinha chegado ao clímax. Ele não estava negando o prazer dela, só a ele mesmo. Por quê? Ele estava com medo? Preocupado que seus sentimentos mudassem depois de terem sido íntimos?

Mas ela não perguntou. Falaria mais tarde.

Seus lábios tinham atingido a carne sensível de sua orelha e enquanto ele sugava, deslizou seu corpo para o lado, levando-a consigo enquanto ele rolava, pressionando-a contra ele.

— Eu sonhei em dormir ao seu lado, — ele sussurrou.

A mão dela chegou ao seu peito nu e depois desceu mais abaixo.

— Você sonhou? — Ela beijou um dos sulcos duros ao longo de seu abdômen. Ela afastou aqueles sentimentos de inadequação. Ela não faria isso por medo, só amor. Ela queria estar perto dele, mostrar a ele como se sentia.

Então, muito gentilmente, ela enfiou a mão em suas calças. Ela não precisou procurar muito antes que a ponta de seus dedos encontrasse a pele aveludada.

Sua respiração engoliu em seco.

— Tabbie — sibilou ele.

— O prazer não é só para mim. — Ela o amava. Ela queria dar a ele tudo o que ele tinha dado a ela.

— Eu posso esperar. Eu passei minha vida me entregando. Agora é a hora de eu provar que posso dar e não receber. Eu quero isso para você, Tabbie. Eu quero ser o tipo de homem que merece o seu amor.

Seu coração inchou com essas palavras.

— O amor é melhor compartilhado. — Ela colocou a mão em torno de seu membro, porque estava curiosa, mas sua respiração súbita disse que ele gostava também. — Agora me mostre como compartilhar com você.

Ela observou seus olhos se estreitarem e dilatarem, enquanto ele soltava os cadarços de seus calções e os puxava para baixo sobre seus quadris. Sua mão agarrou a dela e começou um movimento rítmico que fez os dois ofegarem de desejo quando seus olhos se encontraram.

— Sim, — ele gemeu quando ela moveu para cima e para baixo em sua pele lisa, sua mão mal preenchendo em torno de seu membro. Ela não tinha certeza do porquê, mas o tamanho dele a excitou, a deixou mais sem fôlego, e antes que ela pensasse sobre isso, ela deslizou para baixo para colocar um beijo em sua ponta.

Um gemido arrancou de sua boca, enquanto sua mão emaranhava em seu cabelo. Sugando-o mais fundo em sua boca, ela saboreou o gosto dele, o cheiro. A proximidade trouxe mais prazer deste modo.

Seus movimentos cresceram erráticos quando sua respiração se elevou. E então ele explodiu, sua semente enchendo sua boca. Ela não tinha certeza do que ela esperava fazer, mas ela lambeu, chupou e engoliu, nada nunca pareceu mais certo.

Ela teria continuado a adorá-lo, mas sua mão de repente agarrou-a e puxou-a para cima de seu corpo.

— O que foi isso?

Ela deu-lhe um sorriso quando ela colocou os braços ao redor de seu pescoço.

— Eu não sabia que seria assim, mas foi glorioso. Será assim quando nos casarmos?

Ela o sentiu relaxar debaixo de seu corpo e ele enfiou a cabeça no ombro dela.

— Será ainda melhor.

A viagem para Gretna Green passou em felicidade lânguida. Eles se abraçaram, conversaram sobre o futuro e sobre o passado. Tabbie tentou não pensar em sua família ou o que ela deixou para trás. Apesar de um relacionamento tenso com seus pais, ela sentiria falta deles se eles escolhessem cortá-la de suas vidas. E os irmãos dela? Ela os amava ferozmente. Eles a perdoariam por deixá-los?

Ela não teve escolha. Bem, na verdade ela teve uma escolha e conseguiu levá-la adiante. Ela não olharia para trás agora, mas algumas de suas antigas dúvidas continuaram rastejando em seus pensamentos. Se preocupava se Luke não permanecesse interessado ou fiel. E então, onde ela estaria sem uma família ou um marido de verdade?

Mas ela afastou essas dúvidas enquanto descia a prancha, ou pelo menos tentava. Era tarde demais para mudar alguma coisa. Ela fez sua escolha.

Além disso, mesmo que fosse possível mudá-la, ela não tinha certeza se podia. Ela estava perdidamente apaixonada.

Luke encontrou uma carruagem que os levou diretamente para a igreja mais próxima. Embora a cerimônia pudesse ter sido realizada por um ferreiro, eles decidiram procurar uma igreja primeiro. De alguma forma, Tabbie não conseguia romper com essa tradição.

Seu estômago se agitou com borboletas enquanto caminhavam a pleno sol.

— Nós vamos realmente fazer isso. — Sua voz tremeu mais do que ela pretendia.

Luke a olhou.

— Nervosa? — Ele estendeu a mão para a dela e deu um aperto.

— Não é como toda noiva fica? — Ela deu a ele um sorriso brilhante, seus lábios se esticaram com o esforço. — Como você está? — Sua voz era mais genuína quando ela fez a pergunta — a preocupação com ele não era algo que ela precisava esconder, ao contrário de suas preocupações sobre o convívio diário.

Ele parou de andar e deu-lhe um sorriso gentil.

— Estou muito feliz de estar aqui, Tabbie. E você compartilhará meu entusiasmo assim que a cerimônia terminar. Vamos encontrar uma estalagem onde possamos ficar esta noite.

— E amanhã? — Ela engoliu em seco.

— Começamos a jornada para nossa nova casa.

Nossa casa. As palavras a aqueceram. Fortaleceu-a. Ela ficou tentada a perguntar sobre a provisão em moeda que ele disse que faria para o futuro dela, mas parecia que não confiava nele, se ela perguntasse.

Olhando pela janela da carruagem, ela sabia que o silêncio estava aumentando, mas não conseguiu terminar com ele. Luke deu-lhe alguns olhares, mas também não quebrou o silêncio.

Em algum momento, esses sentimentos teriam que ser abordados, mas no dia do casamento não parecia ser o momento. Ou talvez tenha sido o momento mais importante, mas tudo mudaria assim que ela fizesse os votos.

— Conte-me sobre a nossa casa. Você disse que é em Norfolk? — Ela finalmente se virou para ele.

Luke deu um suspiro de alívio. Ela ouviu isto audivelmente chacoalhar fora do tórax dele.

— É com isso que você está preocupada? — Ele deu uma risadinha e relaxou em seu assento. — A casa é construída na curva de um rio que leva ao oceano. Os jardins são deslumbrantes. Creeves é o jardineiro há trinta anos. Meu pai o contratou antes de tomar o título de marquês.

— O que mais? — Ela sorriu um pouco. Ouvi-lo falar ajudou a acalmar seus nervos.

— Nós provavelmente teremos que renovar. Já faz anos desde que tudo foi atualizado. Isso nos manterá ocupados por algum tempo.

— Juntos? — Ela se animou.

— Claro. Eu não poderia fazer isso sem você. Talvez tenhamos que fazer algumas viagens a Londres para comprar materiais, mas vamos adiar pelo tempo que pudermos.

— Londres... — Sua voz sumiu, mas o medo penetrou nela. Os medos que ela não queria nomear tinham um lugar. Londres.

Ele também ouviu isso.

— Nós não teremos que ir. Mas eu não vou viajar sem você. Se nós formos, faremos isso juntos.

Tabbie fechou os olhos. Ela não estava sendo justa. Ele não tinha feito nada além de tranquilizá-la e tudo o que ela podia fazer era permitir que as dúvidas surgissem.

— Eu gostaria disso. — Ela deu a ele o mais genuíno sorriso e se aproximou dele.

— Tabbie, diga-me o que está incomodando você. — Ele envolveu o braço em volta dos ombros dela e puxou-a apertado contra seu corpo.

— Não vale a pena repetir, — ela respondeu suavemente.

— Repetir? — Ele levantou uma sobrancelha e ela suavizou sua expressão encantadora.

— Eu deixei minha família. — Ela engoliu em seco. — Meu pai não é um homem que perdoa, o que significa que posso nunca mais vê-los.

Luke apertou-a perto.

— Nós vamos ter um ao outro, meu amor. Eu não vou te deixar sozinha, eu juro.

Um nó se formou na garganta de Luke enquanto ele olhava para a noiva, as palavras do padre caindo sobre ele. Ele passou os últimos dias observando-a ficar cada vez mais quieta, mas ele não tinha certeza do que fazer sobre isso.

— O casamento é uma promessa de amar, honrar e estimar... — A voz cadenciada do padre foi carregada por toda a igreja, apesar dos bancos estarem vazios.

Luke se perguntou se ele já estava falhando em sua promessa. Porque os bancos deveriam ser preenchidos com a família dela. E dele. Mas ele não queria ter a chance de que seu pai pudesse governar a mão dela em favor de outro homem e assim ele a roubou. Como o ladino que ele era.

— Eu quero, — murmurou Tabbie.

Com as mãos amarradas juntas, Luke olhou nos olhos dela. Em seu coração ela não confiava plenamente nele ainda, mas ela confiaria com o tempo. E ele poderia ajudar a ganhar essa confiança, fazendo o certo para ela, agora. Não agindo como libertino, mas sendo um homem honrado.

— Você pode beijar sua noiva, — disse o padre.

Luke a puxou para perto e capturou seus lábios com os seus.

— Eu te amo, Tabbie, — disse ele e a beijou novamente. Ele não sabia antes como ajudá-la, mas agora sabia o que fazer.

Seus olhos brilharam de volta para ele.

— Eu também te amo.

Luke assinou todos os documentos necessários e depois pegou um pedaço de pergaminho e escreveu uma nota rápida. Depois que ele terminou, voltou-se para Tabbie e, de mãos dadas, eles voltaram para a carruagem alugada. Embarcou-a e depois, dando um passo à frente, entregou uma nota ao cocheiro. — Uma vez que você nos deixe na pousada, poderia, por favor, entregar isso no navio Destino.

— Sim, senhor. — O cocheiro deu-lhe um sorriso agradável e, em seguida, Luke se juntou a sua noiva na carruagem com a intenção de contar-lhe seu plano.

A luz do entardecer desvanecia-se ao anoitecer, decorando o interior da carruagem numa luz rosa. Sua pele brilhava e seu sorriso era livre e fácil. Ele não pôde se conter. Quando ele entrou, se inclinou para beijá-la.

Seus lábios eram suaves e tão convidativos sob os dele. Um beijo misturou-se a outro, depois a um terceiro, até que a carruagem se deteve diante da estalagem.

Ao tirá-la da carruagem, eles correram para o quarto deles. Sua mão quase tremeu quando ele acendeu uma única vela. Sua deusa da lua mudou-se para a janela.

— Nossa noite de núpcias, — ela murmurou, sua pele radiante na semiescuridão da sala.

— Sim, minha pequena deusa da lua. — Um grunhido retumbou profundamente em seu peito. Ele se sentia predatório olhando para ela daquele jeito. A intimidade sem estar dentro dela tinha sido uma deliciosa tortura, mas agora estava prestes a chegar ao fim.

Deixou cair a camisa dos ombros antes mesmo de chegar a ela e, quando seus lábios se chocaram contra os dela, suas mãos habilmente arrancaram as roupas de seu corpo.

Uma vez que ela estava nua, ele arrastou os lábios sobre seu corpo. Ela provou ser tão doce quanto parecia. Era estranho, ele nunca encontrou uma mulher tão agradável a todos os seus sentidos.

— Eu poderia provar você para sempre, — ele sussurrou contra sua barriga.

Envolvendo os dedos em torno de sua coxa, ele pressionou levemente entre as pernas dela. Ele a ouviu ofegar e então gemer e ele sorriu quando suas pernas começaram a amolecer, incapaz de apoiá-la. Empurrando-a para trás até que ela descansasse contra a parede, ele deixou sua boca cair mais até que ele estava abrindo suas pernas, colocando sua coxa em seu ombro.

Ela amava a sensação de sua língua, ele sabia, e nunca se cansaria de dar-lhe o que ela amava. Quando seus gemidos cresceram, ele aumentou a pressão, deslizando um dedo dentro dela.

Ela retesou ao redor do dedo dele e depois se encolheu contra a parede.

— Eu pensei que esta noite você me faria sua esposa na íntegra, — ela ofegou quando ele a pegou e levou-a para a cama.

— Eu pretendo, meu amor. — Ele a beijou mesmo quando a segurou com um braço e tirou suas calças com a outra mão.

— As mulheres só podem desfrutar da boca de um homem? — Perguntou ela. Ele podia sentir o calor irradiando de suas bochechas. Ela ficou constrangida com a pergunta, mas ele amava sua inocência quase tanto quanto seu entusiasmo por seu esporte na cama.

— Não, meu amor, elas gostam do ato também. A maioria delas, pelo menos. — Deitou-a no colchão, vendo os seios redondos, perfeitos

e nus dela, acentuados pela cintura fina, a barriga lisa e o alargamento dos quadris. Um tufo de pelo vermelho apontou exatamente onde eles precisavam estar.

— Então por que não fizemos isso? — Mesmo no escuro ele podia vê-la corar enquanto subia em cima dela.

— Isso vai doer na primeira vez, — ele sussurrou. — Eu não te machucaria por nada.

— Eu confio em você. — Ela ergueu os braços para ele e seu peito inchou de amor e orgulho por ter conquistado a confiança dessa mulher.

Abrindo suas pernas, ele se posicionou na abertura.

— Lento ou rápido? — Ele perguntou querendo saber como ela preferiria que isso fosse feito.

— Faça isso rapidamente, — ela ofegou e ele podia vê-la tensa.

Inclinando-se, ele colocou a boca sobre a dela, beijando-a até ela responder, suavizando-se em seus braços e, então, de um golpe se empurrou para dentro dela.

Chorando, seus dedos agarraram seus bíceps e ele parou, permitindo que ela tivesse tempo para se ajustar ao seu tamanho.

— Você está bem? — Ele apertava os dentes cerrados.

Ela olhou para ele e seu rosto relaxou.

— Eu estou maravilhosa. Como você está?

Ele teve que se impedir de balançar a cabeça. Apenas Tabbie para estar preocupada com ele.

— Perfeito.

Lentamente, ele começou a se mover dentro dela. Seus braços atados ao redor de seu pescoço, dedos entrelaçados em seu cabelo. Enquanto se movia, ela sussurrou palavras de encorajamento, afeição e desejo. Nunca uma mulher o envolveu em uma teia como essa.

Ele estava girando nessa teia sem fim, se chocando com amor. Seu amor estava se aprofundando e se fortalecendo à medida que se aproximavam da felicidade. Seus lábios encontraram os dela e a beijaram entre as palavras, querendo tocar cada lugar em seu corpo que ele podia.

Nunca foi assim. Este não era um ato físico, mas emocional. Se ele se achava ligado a Tabbie antes, fazer amor com ela selou seu destino. Ele nunca poderia ficar sem ela. Ele era dela para sempre.

Esse pensamento o empurrou para o limite, ele perdeu o pouco controle que mantinha assim que ela gritou seu nome, seu corpo virginal se espasmando ao redor dele.

Rolando para o lado, ele a puxou contra si mesmo. Ele beijou seu cabelo, suas bochechas, seu pescoço. Suas mãos traçavam cada curva, como se ele estivesse imprimindo essa lembrança para sempre.

— Eu poderia nunca querer sair desta cama, — ela murmurou, enfiando o rosto na curva de seu pescoço.

Ele deu uma risadinha, passando os dedos por sua espinha.

— Estou totalmente de acordo. Mas vamos embarcar em um navio pela manhã.

Ele a sentiu ainda tensa.

— Eu pensei que nós estávamos viajando para suas terras em Norfolk.

Ele a apertou mais perto. Ele pretendia dizer a ela isso antes de terem sido íntimos. Ele não queria nenhuma confusão sobre o assunto.

— Eu quero parar em Londres primeiro.

Ela tentou se afastar, mas ele a segurou. Ela empurrou mais forte, mas ele se recusou a soltá-la e então ela começou a bater no peito dele e no rosto dele, mas ele ainda se segurava.

Ele não fez nada para se proteger, seu rosto se recuperaria de qualquer dano que ela fizesse, mas ele tinha que mantê-la ao seu lado ou então, algo profundo em seu peito temia que a perdesse para sempre.

Finalmente, seu ataque diminuiu. Sua mão relaxou ligeiramente em torno de suas costas e foi quando ela caiu contra ele.

— Você vai voltar para a sua casa na cidade? — Ele ouviu sua respiração prender as palavras como se ela estivesse tentando não chorar.

— Eu pensei que poderíamos voltarmos para a nossa casa pelo pouco tempo que estivermos em Londres. — Ele se atreveu a tirar uma das mãos de suas costas para segurar seu rosto para que ele pudesse levantá-lo e olhá-la nos olhos.

— Não tente me aplacar. Apenas me diga que você não vai me deixar desprezada e, o que você pretende fazer. — Uma lágrima deslizou por sua bochecha.

— Desprezada? — Ele ria se não fosse tão sério. — Eu pretendo encher sua barriga com meu filho e, em seguida, encher sua boca com qualquer coisa que você deseje comer e envolver o seu corpo em tudo o que você gostaria de usar e depois construir a casa que você sempre sonhou em viver.

Seus olhos piscaram várias vezes antes que ela sufocasse.

— Você não terminou comigo?

— Terminar? — Como ela poderia pensar isso? — Tabbie, mal começamos.

— Então por que estamos indo para Londres? Esse é o lugar de você ser um libertino.

E então ele entendeu. Todas aquelas vezes que ela ficou tensa quando discutiram sobre Londres.

— Podemos viver em qualquer lugar do mundo que você desejar, inclusive em Londres. Eu nunca serei aquele homem novamente. A geografia é irrelevante. Eu preciso mais do que apenas prazer físico, minha deusa da lua. Eu preciso do seu amor. — Ele a beijou longa e forte. — E achei que você precisava da sua família. Minha intenção era tentar fazer as pazes com eles antes de nos instalarmos no campo.

Mais duas lágrimas se deslizaram por suas bochechas antes que ela enterrasse seu rosto novamente.

— Eu sou uma tola. Um boba e impulsiva tola.

Ele secou suas lágrimas.

— Você tem todo o direito de suspeitar de mim. Vai levar tempo, mas vou provar minha devoção a você.

— Eu te machuquei? — Ela ofegou novamente quando sua cabeça surgiu.

— Não, meu amor, embora se houvesse uma mulher que pudesse, seria você. — Ele a aconchegou mais perto. — Descanse um pouco.

CAPÍTULO 09

Três dias se passaram desde seu casamento e Luke agora estava sentado na sala de estar à espera de uma audiência com o duque de Waverly.

Seu sogro estava mantendo-o esperando.

Tabbie tinha saído para falar com a duquesa. Elas haviam discutido e Tabbie tinha certeza de que sua mãe seria a resposta se o pai se recusasse a aceitar o casamento. Ele sorriu. Era mais um dos seus esquemas.

Céu misericordioso, ele amava essa mulher. Ela era gloriosa ao propor um plano tático. E ele estava feliz por eles terem voltado para Londres, mesmo que o pai dela se recusasse a reconhecer o casamento. Ela precisava ver que eles poderiam prosperar aqui. Não por ele, mas por ela. Ele sabia que ela iria querer continuar seu trabalho ajudando mulheres e crianças, e Londres era o melhor lugar para ela fazer isso. Ele não tinha a mesma posição que seu pai, mas poderia usar seu assento no parlamento para promover sua própria agenda.

Nada o faria mais feliz.

Além dela. Ela o fez gloriosamente feliz.

O mordomo finalmente apareceu.

— Sua graça vai vê-lo agora.

De pé, ele entrou confiante na biblioteca, que parecia ser o lugar preferido do duque para trabalhar.

O outro homem se levantou da mesa, mas não deu qualquer reconhecimento de que Luke havia entrado.

Luke sabia que alguma humilhação estaria em ordem.

— Sua Graça.

— Sussex, — o homem quase não resmungou.

Luke olhou em volta.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

O homem deu um pequeno aceno de cabeça.

— Por que trabalhar na biblioteca? Tenho certeza de que você tem outra escolha de escritório. — Luke observou os olhos do duque se arregalarem de surpresa.

— Ele contém a maioria dos materiais de referência que eu preciso. — O duque limpou a garganta desviando o olhar.

Só então, uma porta se abriu para a esquerda e Tricia apareceu. Seus olhos também se arregalaram ao vê-lo.

— Perdoe-me, papai, — ela murmurou enquanto saía do quarto.

Luke sorriu.

— Você trabalha na biblioteca porque sua família entra e sai frequentemente?

O duque limpou a garganta.

— O que você quer dizer com isso?

— Ela já sente a sua falta. E está preocupada que não terá um relacionamento com você. — Ele viu o rosto do duque espasmar de dor. O homem era um idiota por ter todos os detalhes planejados em seu caminho, mas ele claramente amava sua filha.

— Ela deveria ter pensado nisso antes de fugir.

— Ela fez sua escolha. Mas Crummell era uma escolha intolerável.

O lábio de Waverly se curvou.

— Uma semana atrás, você era uma escolha intolerável. Aquela garota pisou no meu calcanhar.

— Ela é uma mulher e suas pisadas no calcanhar agora é minha preocupação. Eu removi o dever de você. — Luke estremeceu. Esse

argumento era uma faca de dois gumes. Lembrava o duque de sua própria desobediência em roubar a filha do homem. — Eu entendo Tabbie muito melhor do que Crummell nunca poderia.

— Ela te chamava de libertino e debochado.

— Ambos pejorativos eram verdadeiros. — Luke recostou-se na cadeira, imperturbável.

— E o que você vai fazer quando ela pegar você no ato? Ela tem o temperamento forte. — As mãos do duque estavam espalhadas sobre a mesa como se ele estivesse se equilibrando.

— Estou ciente de seu temperamento e não tenho intenção de participar de tal comportamento que desencadeei. Eu amo sua filha. Ela me faz querer ser um homem melhor.

O duque levantou-se ligeiramente em seu assento.

— E então você a roubou de sua família por isso?

Luke fez uma careta.

— Você tem todo o direito de pensar isso. Eu quero fazer as pazes. — Ele limpou a garganta. — Talvez possamos nos casar novamente na Igreja da Inglaterra. Eu só posso supor que você manteve a nossa viagem em segredo. Anuncie os banhos e vamos nos casar para toda a sociedade ver.

Waverly se recostou na cadeira, as mãos relaxando na mesa.

— Eu consideraria isso aceitável. Ela vai voltar para minha casa e fará o papel de uma mulher solteira.

Luke sentiu uma pontada de medo. Tabbie era uma estrategista por natureza e esse traço provavelmente vinha de seu pai.

— Eu vou concordar com isso se você postar as declarações hoje e nós nos casarmos dentro de duas semanas.

— Absolutamente, não. Vou postar os banhos, mas o casamento acontecerá daqui a três meses. Não quero que ninguém pense que você a arruinou.

— Um mês, não mais. É possível que ela esteja carregando meu filho, não vou esperar mais.

O duque soltou um estrondo do fundo do peito.

— Um mês. Mas durante esse tempo ela vai participar de todos os compromissos sociais conosco.

— Eu vou concordar com isso, desde que eu esteja presente também. — Ninguém sabia melhor do que ele, como os homens da sociedade poderiam ser. Ele seria amaldiçoado se deixasse outro homem tocá-la.

— Muito bem, — Waverly empurrou o contrato de casamento sobre a mesa. Luke procurou por alguma mudança.

— Eu tenho mais uma provisão, — Luke colocou o papel e a pena de lado. — Coloque seu dote em um fundo em seu nome. É dela para fazer o que quiser. Eu vou adicionar mais aos fundos. Em troca, gostaria de ficar aqui pelo próximo mês.

Os olhos do duque se arregalaram.

— Se você pensa em visitar seu quarto à noite enquanto eu durmo...

Luke sacudiu a cabeça.

— Eu não vou. Mas você sabe que Tabbie está preocupada com a minha reputação anterior. Ela será comida pela preocupação se eu ficar na minha própria casa. Posso garantir-lhe que nem sequer saberá que estou aqui.

O duque avaliou-o.

— Eu tenho um quarto nas dependências dos servos...

— Tudo bem, — Luke disparou de volta.

— Você iria dormir nos quartos dos servos? — A surpresa atada a voz do outro homem.

Luke prendeu o duque com seu olhar.

— Eu ficaria no inferno se Tabbie precisasse de mim.

O duque riscou várias linhas no contrato e rolou acima deles. Então ele passou os papéis para Luke. Revisando o documento, ele assinou seu nome. Estava feito.

— Eu deveria ter acrescentado uma provisão de que você me ajudará em futuras negociações. Eu sei que você fez bem para si mesmo.

O duque assinou seu próprio nome, suas feições se suavizaram.

— Eu duvido que você precise da minha ajuda, Sua Graça. Mas, como seu genro, farei isso a qualquer hora.

— Chame-me, Henry, filho. — Waverly se levantou e estendeu a mão. — Bem-vindo à família.

— Ele fez o quê? — Tabbie tentou fechar a boca, que se recusava a fechar. Seu pai o chamara de filho? Permitiu que Luke o chamasse de Henry? Apenas sua mãe e o Príncipe Regente usavam o nome dele.

Ele pegou a mão dela.

— A falta de intimidade será difícil, mas pelo menos estaremos juntos.

Ela o cheirou.

— Eu não tenho intenção de seguir essa regra.

— Tabbie, eu dei a minha palavra. — Luke puxou-a para mais perto. Seu cheiro fazia cócegas em seu nariz da maneira mais deliciosa. Ela nunca se cansaria da sensação dele, do cheiro.

— Na verdade, você concordou que não iria visitar o meu quarto, mas nunca disse que eu não iria me entreter no seu. — Ela colocou os braços ao redor de seu pescoço.

Ele baixou os lábios para o cabelo dela.

— Minha deusa da lua intrigante, — ele murmurou rindo. —
Deixei isso para você encontrar a lacuna.

Recostando-se, ela deu-lhe um sorriso brilhante.

— Obrigada por fazer isso certo com meu pai e por entender meus medos. Não sei o que mais poderia pedir de um marido.

Ele se abaixou para pressionar seus lábios nos dela. Como de costume, todo pensamento deixou a cabeça ao toque de seus lábios.

— Receio que você tenha que sofrer minha ausência ocasionalmente.

— Por quê? — Ela odiava a preocupação em sua voz.

— Eu decidi assumir um papel mais ativo no parlamento. Sei que nos mudaremos para minha propriedade rural, mas tenho certeza de que você vai querer continuar seu trabalho e não posso ajudá-la se não fizer parte do governo.

Seus olhos se arregalaram e sua boca se abriu novamente. Então seus lábios encontraram os dele e nada mais importava.

— Eu te amo, — ela finalmente conseguiu sussurrar.

— E eu a você, minha deusa da lua.

EPÍLOGO

Tabbie estava na cama, quente e confortável, apesar da chuva forte que encharcava as ruas de Londres. Eles vieram para a cidade muito mais cedo do que o pretendido. O Parlamento não começaria por mais um mês, mas Luke não queria esperar mais para fazer a jornada.

Não, com o segundo filho a caminho.

Luke se mexeu atrás dela. Ela virou o rosto para dar um sorriso ao marido.

— É hora de acordar. Acabei de ouvir o relógio soar sete.

Ele gemeu.

— Eu não vou sair hoje. Eu vou ficar na cama com minha esposa.

— Você prometeu ao meu pai que o ajudaria nas negociações. — Mas ela se aconchegou mais profundamente. Suas mãos estavam espalhadas sobre sua barriga enquanto ele beijava seu pescoço.

— Papai, — o pequeno Henry chamou da porta. — Mamãe?

— Entre, querido, — ela falou e puxou as cobertas para o filho se juntar a eles. Ele tinha quase três anos e era a imagem de seu pai.

Ele correu para a cama com eles.

— Está chovendo, — ele deu-lhes um sorriso sonolento enquanto ele também se aconchegou mais profundamente.

— Isso mesmo e requer uma decisão, — Luke falou atrás dela. — Declaro este dia um feriado da família Sussex. Ficaremos na cama, todos nós.

Tabbie sorriu, inclinando-se para beijar o marido. Ele cumpriu cada uma de suas promessas. Nos quatro anos em que estavam casados, nunca haviam passado uma noite separados. Nem na casa do

pai dela. Não importava onde estivessem, Londres, Norfolk, Escócia, seus olhos eram apenas para ela. Seus medos morreram há algum tempo.

Uma carruagem retumbou na rua abaixo. Henry pulou da cama e correu para a janela.

— É o vovô! — Ele dançou um pouco e correu para a porta.

— Chamas azuis sangrentas, é seu pai e o que ele está fazendo aqui às sete da manhã? — Luke recuou para trás dela, ainda segurando-a contra seu corpo, as mãos procurando por partes do bebê em toda a barriga.

— Ele sabe que se não vir pegá-lo, você não irá. — Ela sorriu, grata por ele não poder vê-la. Seu pai abusou descaradamente dos sentimentos de Luke por ela em mais de uma ocasião. Ele sabia que Luke iria hoje, não pelo bem do sogro, mas pelo de Tabbie.

Luke deu uma gargalhada.

— Se vou passar o dia envolvido nos assuntos de negócios de seu pai, você tem que entreter os meus pais. Eles não se cansam de Henry.

— Feito, — ela sorriu. — Mandarei uma missiva para você as quatro, para que meu pai não fique com você a noite toda.

— Jura. — Ele a beijou longa e duramente. — Eu quero estar em casa com a minha família para a refeição da noite e minha esposa na cama comigo às oito.

— Oito? — Ela falou seus olhos brilhando. — O que aconteceu com aquele libertino que ficava fora até altas horas da noite?

— Oh, ele ainda está aqui. — Luke deu-lhe um sorriso perverso. — Eu posso querer você na cama, mas eu não disse nada sobre dormir.

Sua respiração ficou presa. Ele ainda fazia isso com ela depois de quatro anos.

— Prometo, — disse ela quando seus lábios encontraram os dele.

— Tabbie, — saiu como um grunhido. — Se você me beijar assim de novo, seu pai vai ficar esperando por um tempo muito longo.

— Prometo, — ela sussurrou novamente. Seu libertino era absolutamente perfeito.